

O Outeirinho da Quintã:

Reconstrução da Quinta do Outeirinho,
Cidade da Lixa

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Autor: Artur Pedro Augusto Sampaio Ribeiro

Docente Orientador: Prof. Doutor Luís Sebastião da Costa Viegas

Agradecimentos

Não posso deixar de apresentar os meus agradecimentos, começando por fazê-lo relativamente aos meus pais, José e Isabel, pelo apoio, carinho e ajuda em todas as fases da minha vida e por me terem dado a oportunidade de realizar este curso. Aos meus irmãos, Rita e Zé, que são sem dúvida o meu braço direito em tudo e constituem um papel muito importante na minha vida. À Andreia pelo carinho, compreensão e incondicional apoio.

Aos meus amigos, Camarinha, David, Pedro, João, Guedes, Vítor e Gonçalo e a todos os que me acompanharam na vida académica, agradeço pelos conselhos e bons momentos que me proporcionaram.

Por fim, como não podia deixar de ser, ao meu orientador desta dissertação, Prof. Doutor Luís Sebastião da Costa Viegas, pelo apoio, compreensão e paciência na transmissão dos conhecimentos, que sempre demonstraram ao longo das diversas fases da elaboração deste trabalho, e que constituíram, indubitavelmente, além de fatores primordiais de instrução, elementos essenciais de motivação, obrigado!

Abstract

This dissertation, titled "O Outeirinho da Quintã – Reconstrução da Quinta do Outeirinho, Cidade da Lixa", (O Outeirinho da Quintã - Reconstruction of Quinta do Outeirinho, Lixa City), seeks to respond to the problem of architectural intervention in a rural context. The main objective of the intervention proposal is to transform a former drydock into a nursing home, based on the pre-existence analysis. In this approach to the place of intervention, a previous study is carried out for the edified set, defining a program and enhancing the future approach focused mainly on the link between the past and present, and the future, the rural and the city of today.

This process is exposed in a theoretical-practical approach divided into two parts: Circumstance, thematic and context (theory) and Project (practical). Through this structure, the potentialities of the site and the personal motivations, as well as the pre-existence constraints, become known and evidenced.

Resumo

Esta dissertação, intitulada de “O Outeirinho da Quintã – Reconstrução da Quinta do Outeirinho, Cidade da Lixa”, procura responder à problemática da intervenção arquitetónica em contexto rural. A proposta de intervenção tem como principal objetivo a transformação de um antigo sequeiro numa casa de repouso, tendo como base a análise da pré-existência. Nesta abordagem ao local de intervenção, faz-se ainda um estudo prévio para o conjunto edificado, definindo um programa e potenciando a abordagem futura centrada, principalmente, na ligação entre o passado o presente e o futuro, o rural e o cidadão da atualidade.

Este processo é exposto, numa abordagem teórico-prática dividida em duas partes: Circunstância, temática e contexto (teoria) e Projeto (prático). Através desta estrutura, dá-se a conhecer e evidenciam-se as potencialidades do local e as motivações pessoais, assim como as condicionantes da pré-existência.

ÍNDICE

Agradecimentos

Abstract

Resumo

Introdução	15
1. Circunstância, temática e contexto	19
1.1 Circunstância	
O “Cliente entre as memórias”	21
1.2 Temática	
1.2.1 Apontamentos sobre Teoria do Restauro / Conservação	27
1.2.2 Obras de Referência	35
1.3 Contexto	
1.3.1 Enquadramento no IAPP	45
1.3.2 Características geográficas	47
1.3.3 Tipo de Povoamento	49
1.3.4 Construções Minhotas	51
1.4 Localização e Identidade	55
2. Projeto	
2.1.1 Levantamento	61
2.1.2 Patologias	69
2.2 Programa Preliminar	77
2.3 Descrição - Casa de Repouso	79
Proposta (prática)	82
Vermelhos e amarelos	92
2.4 Descrição – Casa dos Caseiros / Casa principal	99
Proposta (prática)	101
Vermelhos e amarelos	104
2.5 Reflexão Projectual	106
Síntese cronológica do desenvolvimento do processo	111
Considerações finais	117
Fontes bibliográficas	125
Créditos de imagem	127

Introdução

Habitar é, ao mesmo tempo, um evento e uma qualidade mental e experimental e um cenário funcional, material e técnico. A noção de lar se estende muito para além de sua essência e seus limites físicos. Além dos aspectos práticos de residir, o ato de habitar é também um ato simbólico que imperceptivelmente, organiza todo o mundo do habitante. Não apenas nossos corpos e necessidades físicas, mas também nossas mentes, memórias, sonhos e desejos devem ser acomodados e habitados. Habitar é parte de nosso próprio ser, de nossa identidade.¹

No final do percurso académico surgiu a oportunidade de realizar a dissertação através da realização de um projeto. O facto de se tratar de um projeto de arquitetura real levanta questões projetuais. O percurso académico, através de todos os ensinamentos permitiu o contato com diversas experiências que facilitaram, de certa forma, o presente. No entanto, surge também a oportunidade de ter um cliente, o que nos aproxima ainda mais à realidade entre a arquitetura e um dos seus intervenientes principais.

Neste contexto, o objetivo foi o de realizar um projeto de reabilitação de um conjunto de construções que em parte estão devolutas na Quinta do Outeirinho, localizada em Borba de Godim na Lixa. Com o programa geral pretende-se a reconversão do sequeiro para uma casa de repouso, principalmente para os fins de semana, para os meus pais, inserida numa região e em particular numa Quinta que muitas recordações lhes traz, onde conviveram com os meus avós e bisavós, dinamizando e estruturando toda a quinta, não só pela sua implantação, mas também por se caracterizar como o *cockpit* de toda esta intervenção, e um projeto inicial (estudo prévio) em resposta a um programa preliminar procurando a relação entre as duas casas que se encontram devolutas, bem como a sua envolvente.

¹ PALLASMAA, Juhani – Habitar. Barcelona. Editorial Gustavo Gili, 2017 pág. 8

Como o “(...) Habitar faz parte do nosso ser, da nossa identidade”² pretende-se, então, tendo implícita a relação entre o arquiteto e o cliente, preservar memórias do lugar, e sua caracterizadora implantação procurando o conforto no *habitar*.

Assim, o trabalho divide-se em dois capítulos, articulados e em coerência: sendo estes, o capítulo Circunstância, temática e contexto, onde se estuda, identifica e caracteriza o Outeirinho no seu contexto histórico e posteriormente o capítulo Projeto.

*(...) o antigo e o novo encontram-se em equilíbrio. As partes novas da casa não parecem querer dizer: sou nova, mas antes: sou parte do novo todo.*³

Aqui, faz-se o levantamento para percebermos o conjunto de toda a quinta e suas fragilidades, desenhando e redesenhando à procura de um processo evolutivo que interligue o passado com o presente sem destruir ambos os lados tal como Zumthor defende, estabelecer o equilíbrio entre o antigo e o novo que se reflete na proposta final.

² PALLASMAA, Juhani – Habitar. Barcelona. Editorial Gustavo Gili, 2017, p. 8

³ ZUMTHOR, Peter. Pensar a Arquitetura. Barcelona: GG, 2009

I. Circunstância, Temática e Contexto



Fig. 3



Fig. 2



Fig. 3

Fig. 1- Fotografia dos meus bisavós a assinarem o livro de casamento da Maria Carolina, minha avó, 1963.; **Fig. 2-** Fotografia da Tia Arminda. 1970.; **Fig. 3-** Fotografia da Bisavó Maria, 1970.

1.1 Circunstância

O “Cliente entre as Memórias”

Projetar: há um princípio quase em nebulosa, raramente arbitrário.

Perpassa a história toda, local e estranha, e a geografia, histórias de pessoas e experiências sucessivas, as coisas, novas entrevistas, música, literatura, os êxitos e os fracassos, impressões, cheiros e ruídos, encontros ocasionais. Uma película em velocidade acelerada suspensa aqui e ali, em nítidos quadradinhos.

Uma grande viagem em espiral sem princípio nem fim, na qual se entra quase ao acaso. Comboio assaltado em movimento.

É preciso parar e ser oportuno na paragem.

Agora entra a razão, com os seus limites e a sua eficácia.

Talvez retomar a viagem? ⁴

Este projeto nasce de um convite do meu pai, José, pela vontade de reabilitar as construções existentes da Quinta do Outeirinho, na Freguesia de Borba de Godim, Concelho de Felgueiras. A primeira construção da Quinta transporta-nos ao século XVI (partes da casa principal), período em que estas terras pertenciam, ainda, aos territórios de Celorico de Bastos. O aspeto original do conjunto foi sendo alterado ao longo dos séculos, podendo constatar-se várias fases de construção e reconstrução, sendo, porém, diversos os indícios indicadores de que se tratará de uma casa (original) quinhentista, onde habitaram diversas gerações de antepassados desta família. Ao longo dos anos as casas foram alteradas, de acordo com as condições económicas, sociais e culturais de cada momento e geração, tendo por ali passado pessoas de diversas classes sociais, desde membros do Clero a efetivos do Exército (no tempo da guerra civil portuguesa), também conhecida por guerra entre Miguelistas e Liberais. Mais recentemente, a Quinta teve como principal atividade a produção de cereais (sobretudo milho) e posteriormente, em maior intensidade na produção de vinho.

⁴ VIEIRA, Álvaro Siza – 01 textos. Porto, Civilização ed, 2009. P.317



Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6



Fig. 7

Fig. 4- Fotografia do meu avô Artur com o Sequeiro ao fundo, 26 de agosto de 1961. **Fig. 5-** Fotografia da minha bisavó, o meu tio Adriano e a minha avó junto ao Sequeiro ao fundo, 1961. **Fig. 6-** Fotografia da minha avó e meu avô junto ao Sequeiro ao fundo, 26 de agosto 1961. **Fig. 7-** Fotografia da minha avó junto ao Sequeiro ao fundo, 26 de agosto 1961.

Neste período mais recente, os proprietários viviam nas quintas, lado a lado com os seus caseiros e criados (que viviam em instalações contíguas), com quem mantinham uma relação muito próxima. Este relacionamento, acabava por resultar num conjunto edificado, desde a casa dos proprietários às casas dos trabalhadores (na maioria caseiros) passando pelo sequeiro, lagar e adega, até ao moinho (nesta região eram movidos pelas águas correntes de regatos e ribeiros).

O facto de o local ser familiar, constitui motivação de redobrado interesse e gosto neste trabalho, não só pelas recordações de infância, pois também ali passei parte dela, mas também pela preservação das memórias do local, que remontam a várias gerações dos meus familiares. Entre todas as memórias do “Outeirinho”, as que se encontram mais presentes são aquelas que se prendem com episódios e momentos passados com a minha bisavó e tia bisavó, Maria e Arminda, tendo estas sido das últimas pessoas que viveram permanentemente na casa principal, denominada por mim de “Casa dos Avós”. Retenho claramente a imagem de, depois de subir lentamente as escadas para não sentirem a minha presença, chegava ao cimo espreitava para a sala, a tia Arminda com o seu olhar atento no bordado de linho sentada ao lado da janela passava mais um dia nos seus afazeres, e, do lado oposto a bisavó Maria, com os seus poucos cabelos brancos e com a sua almofada por cima do banco de madeira, também a bordar. Repentinamente, dava um salto em frente à porta que se ouvia pela casa toda, o soalho de madeira de castanho estremecia e olhavam para mim assustadas, com uma expressão mista de reprovação e alegria por me verem ali. Passava muito tempo com as duas senhoras por quem nutria um carinho muito especial, que ainda hoje é frequentemente aludido pelos meus pais, pese embora fosse tido como um menino de rebeldia apurada.

Invariavelmente, a tia Arminda levantava-se, pegava na sua bengala, dava-me dois beijos e lá ia comigo até à sala de jantar, onde, no armário, guardava um saco de rebuçados de fruta diversa para me dar quando as visitava. Enchiam-me de mimo e, contente, sentava-me a comer os rebuçados ou outras lambarices, contando, com algumas inverdades, confesso, como tinha sido a semana de escola. Gostava muito de as ouvir falar das suas vidas



Fig. 8 – Fotografia dos meus tetravós, 1958.



Fig. 9- Fotografia dos meus bisavós, 1954.

rotineiras e dos concelhos e ensinamentos que me transmitiam para a minha vida futura. Retendo ainda hoje muitos desses ensinamentos.

Claro está que me perdi um pouco no entusiasmo das recordações que aquele lugar me traz, todavia, voltando ao foco do trabalho, a verdade é que tais memórias, relacionamentos, culturas e costumes de décadas, não são despiciendos no âmbito do estudo arquitetónico que se pretende como agregador desse passado, perspetivando a utilização do espaço no presente e no futuro, reclamando que, quer os descendentes que ali passaram algum tempo, quer mesmo os visitantes, sejam “transportados” para outras épocas,



Fig. 10- John Ruskin, *The Casa d'oro*, Venezia, 1845.

1.2 *Temática*

1.2.1 *Apontamentos sobre uma Teoria do Restauro / Conservação*

A definição de “casa” está sempre relacionada com a nossa vida quotidiana, seja pela casa dos nossos pais, mais familiar, a casa dos nossos avós, mais aconchegante, a nossa casa, mais pessoal, ou até mesmo pela casa dos nossos amigos, mais convidativa. Esta questão projetual, seja de cariz pessoal ou não, facilita a forma em como a palavra “projetar” se insere no objeto. O conceito de casa traz-nos um desafio único e interessante se estivermos diante de uma intervenção arquitetónica relacionada com um edifício antigo. Aqui, temos de ter consciência do modo em como vemos as coisas, como pensamos, e essencialmente, como intervimos sobre a história. É ter a capacidade de conhecermos a origem e o seu passado, e a habilidade de não o deteriorar com a inclusão de um “futuro”.

Neste sentido, torna-se indispensável voltar à questão referente às intervenções no património histórico arquitetónico, principalmente nos últimos dois séculos, onde as definições de restauro e conservação foram estudadas por vários autores⁵ que levaram a diferentes atitudes e formas de pensar em intervenções deste género. As teorias propostas por Viollet Le Duc (1814-1879), e John Ruskin (1819-1900), ajudaram pontualmente a compreender os princípios e regras que estão inerentes ao modo de intervir em edifícios considerados como património histórico.

⁵ John Ruskin, Viollet le Duc e Camilo Boito criaram diferentes teorias no que diz respeito ao tema da intervenção em edifícios antigos.

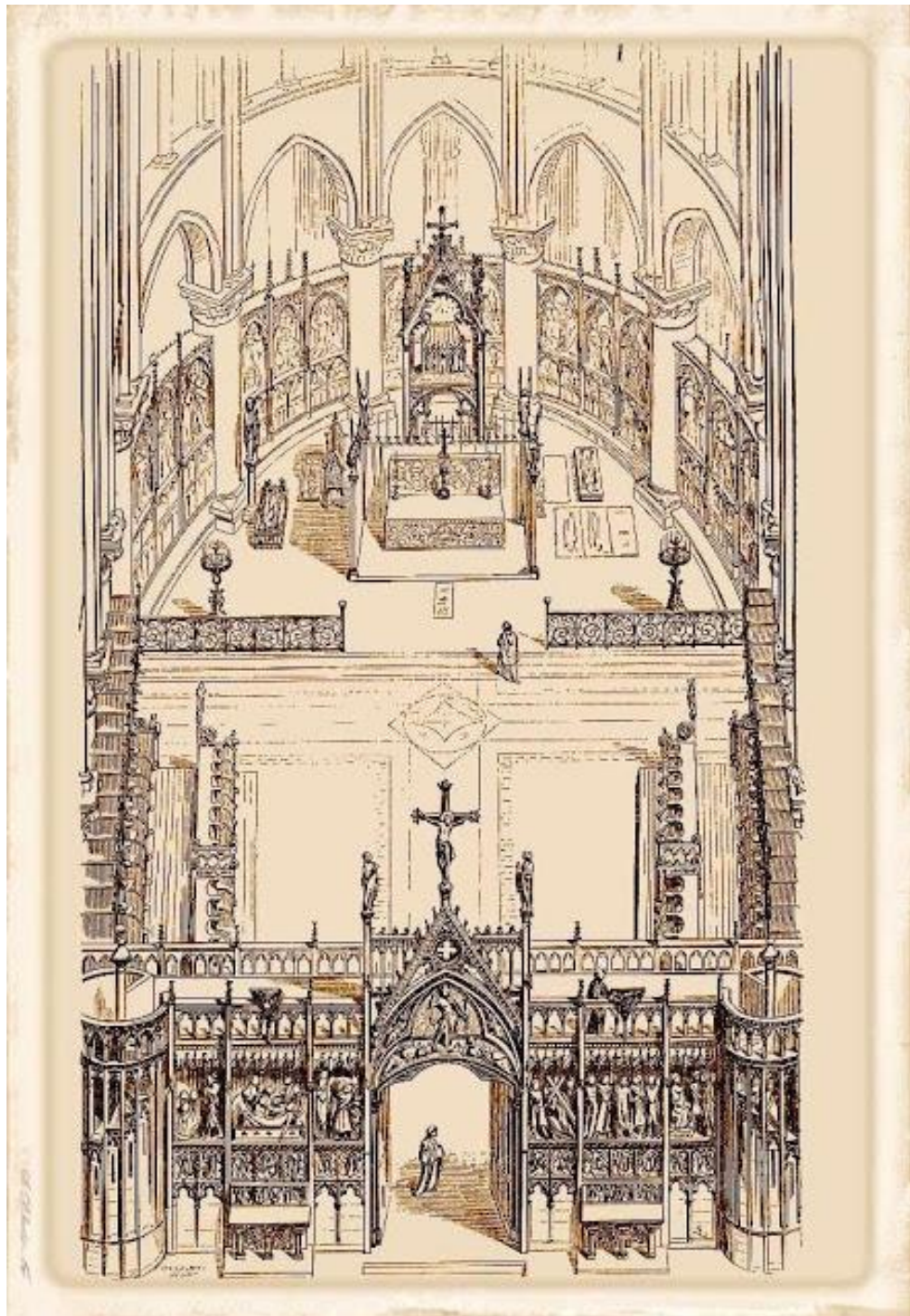


Fig. 11- Desenho de Viollet-le-Duc, Coro e altar mor de Notre Dame na Idade Média.

A procura de aproximações teoricamente mais sólidas conduzirá à gradual definição da nova disciplina a que os continentais (sobretudo os italianos e os franceses) chamarão de Restauro e os ingleses de Conservação. Nessa diferença inaugura-se uma longa disputa conceptual que ultrapassará em muito o tempo da própria vida dos seus primeiros protagonistas: John Ruskin e Viollet Le Duc.⁶

Esta nova disciplina surgiu no séc. XVIII. após a Revolução Francesa de 1789, onde se invadiu, vandalizou e destruiu muito do património existente. Era necessário o restauro dos monumentos, parcialmente destruídos, e uma nova visão para estabilizar e reestruturar o que até então tinha sido danificado.

Aparece então Viollet Le Duc, com a noção de que o património histórico deveria apresentar um novo “futuro” como memória da sua identidade e valor que passava através de uma aproximação ao que inicialmente tinha sido construído. Nesta reflexão algo é contraditório, pois pretende-se salvaguardar o monumento com toda a sua identidade e valor patrimonial através do que era a sua imagem inicial, mas, permite-se a adição de novos elementos que não passam de uma simples copia dos existentes, acabando por resultar, numa exaltação do arquiteto a conceber uma obra intemporal.

⁶ AGUIAR, José – Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do património. pág. 38

*A teoria do restauro proposta por Viollet Le Duc é de natureza projectual e não arqueológica: o conhecimento rigoroso dessa linguagem com que se exprime o valor do monumento estabelece os critérios analógicos que guiam o projecto de restauro. Para esse conhecimento, recorre-se tanto a fragmentos linguísticos do próprio monumento como uma interpretação filológica da sua arquitectura. Trata-se, em suma, da utilização da História e da Arqueologia como fontes de referência directa, através do método comparado dos estilos.*⁷

Este, é sem dúvida um marco muito importante para o restauro, que se destacou essencialmente pelas referências e fontes da História do edifício.

Já John Ruskin, defendia uma teoria anti intervencionista onde não se devia incluir ou acrescentar nada à pré-existência do edifício, mas sim mantê-lo como ficou e passar simplesmente a uma conservação da ruína, para evitar a sua degradação e permitir assim preservar o que realmente foi contruído inicialmente, pois segundo Ruskin reconstruir seria apagar as memórias que no monumento estavam esculpidas, perdendo assim a sua magia.

Na segunda metade do século XIX surgiu um arquiteto italiano que dava igual importância às duas teorias, Camillo Boico reconhecia pontos positivos de ambas, resumindo-as numa própria teoria: O restauro científico ou moderno.

⁷ AGUIAR, José – Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do património. pág. 41

*Camilo Boito, como Viollet Le Duc e ao contrário de Ruskin acreditava na importância de reutilização para a salvaguarda de monumentos. A sua principal contribuição teórica, para a história da conservação, constituiu em procurar resolver a difícil conjugação dessas duas ideias-chave: reconciliar as teorias estritamente conservacionistas de Ruskin com as práticas positivas de restauro, condicionando estas últimas à total garantia de reposição da autenticidade histórica e arquitectónica do monumento.*⁸

Aqui, ficavam lançadas as bases para uma nova teoria de preservação de património, com base na história e valores dos monumentos. Camilo Boito defende que a arquitetura é arte, e que cada monumento é a expressão dela mesma, como resultado de uma necessidade, de um lugar e contexto num determinado tempo. Defendendo este ideal, Boico refere que reconstruir, restaurar e/ou conservar deve ser feito segundo uma análise a cada monumento, para não adulterar a história com falsos historicismos.

O objetivo das intervenções de restauro em edifícios antigos nos tempos de hoje, pode não ser apenas salvaguardar e conservar os seus valores, mas também melhorar a qualidade de vida do Homem pela necessidade de novos costumes e adição de novos materiais. Não existe uma verdade absoluta, mas sim pré-existências que remontam histórias e que dão pistas para uma adequada intervenção arquitetónica, deixando o arquiteto “imaginar” de forma a “projetar” para dar resposta ao problema.

⁸ AGUIAR, José – Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do património. pág. 46

1.2.2 Referências de projeto

*Sempre entendi a beleza de um objecto feito pela mão do homem, desde que me consigo lembrar, como uma presença especial da forma, como uma existência natural e ativa própria do objecto. Por vezes, quando um objecto deste tipo se afirma na natureza, vejo beleza. Esta obra, cidade, casa ou estrada, parece colocada conscientemente. (...) O objecto e a sua envolvente; uma consonância entre a natureza e a obra artificial que é diferente da pura beleza da natureza- e diferente da mera beleza do objecto*⁹

A necessidade de referências surge numa fase inicial quando o processo de reflexão e entendimento do local nos desperta várias dúvidas.

Tendo como base a reestruturação de um conjunto de edifícios antigos, chegava o momento de ver, observar e estudar exemplos de tais intervenções. A escolha destas obras, tem então como objetivo, perceber a relação entre o passado e o presente que nelas está implícito, não só pelos materiais, mas também pela vivência dos espaços interiores e exteriores.

Este estudo tem então como objetivo aprofundar três obras de três arquitetos distintos, Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira e José Gigante. Ao estudar as obras correspondentes a estes arquitetos constata-se a diversidade de relações entre o passado e o presente já anteriormente falado.

⁹ ZUMTHOR, Peter - Pensar a Arquitetura, 2ª edição. ampliada, Gustavo Gili, Barcelona, 2009 p.75



Fig. 12



Fig. 13

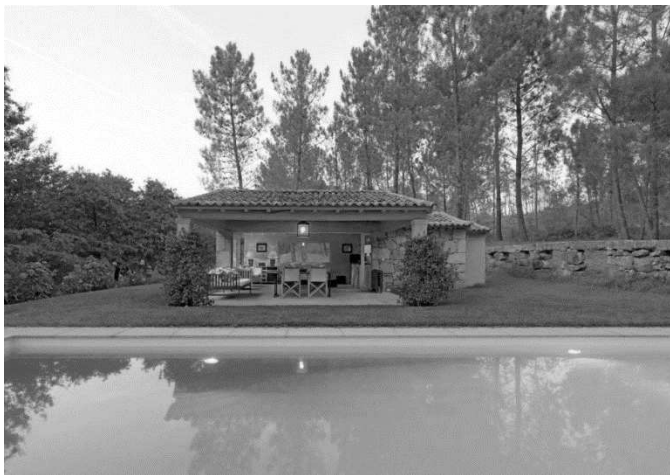


Fig. 14

Fig. 12- Fotografia no alpendre no piso térreo. **Fig. 13-** Vista sobre a Casa da Cavado a norte; **Fig. 14-** Construção que dá apoio à piscina.

Casa de férias em Briteiros

Guimarães, Portugal 1989-1990, Arq. Fernando Távora

Esta obra da autoria do Arq. Fernando Távora situa-se no Minho, na encosta da Citânia de Briteiros em Guimarães. A casa da Cavada é caracterizada por um conjunto de edifícios que ao longo dos séculos foram nascendo consoante a necessidade do tempo e da vida do campo, tal como na Quinta do Outeirinho, que hoje apresenta-se como um edifício único e marcante no local que se debruça sobre as vistas sul.

Desta casa agrícola nasce então uma casa de férias e a sua recuperação vai debruçar-se sobre um projeto pouco “ortodoxo”, substituindo o trabalho de atelier, que após um levantamento sumário da casa, rapidamente se inicia o processo de recuperação.

Este projeto surge então de diversas idas ao terreno, visitas regulares à obra, fazendo com que alguns problemas fossem mesmo resolvidos no local sem passar por qualquer estudo prévio, uma boa relação entre o arquiteto e o dono como também com os trabalhadores. Com este diferente tipo de trabalhar, projetar e relacionar-se com a obra e local de intervenção, dá-se a ausência de diversos desenhos como, plantas, alçados, cortes, pormenores construtivos de processo, que se apresentam à posteriori como um levantamento do trabalho que decorreu durante a obra (1989-1990).

*A nova casa de férias nasceu, assim, de um ato projetual bem diferente do comum: visitas intensas aos trabalhos, decisões circunstanciais sobre sempre novos problemas como paralelo esforço de manutenção da unidade de trabalho, pouco desenho de atelier, relação permanente com o dono da obra e com as vairs artes da construção.*¹⁰

Assim, substitui-se o trabalho de escritório para uma prática mais intensiva e espontânea, carregando um sentido mais pratico e experimental.

¹⁰ Fernando Távora, Porto 1990. In Luiz Trigueiros (1993) Fernando Távora, Editorial Blau. Pág.



Fig. 15



Fig. 16



Fig. 17

Fig. 15- Fotografia da entrada do volume existente com o espaço de estar exterior. **Fig. 16-**Fotografia do terraço exterior do novo volume; **Fig. 17-** Fotografia do conjunto das pré-existências.

Casa de Alcino Cardoso

Moledo do Minho, Portugal, 1971 Arq. Siza Vieira

*El proyecto consiste en conservar las características morfológicas de las casas (designadas como A, B y C) y dotarlas de condiciones aceptables de habitabilidad. Las obras prevén la transformación de las plantas bajas, que estaban destinadas a cuadras, e integrarlas en pequeñas unidades de vivienda. (...) Para las cubiertas se recuperarán tanto la estructura como las tejas existentes. Las paredes exteriores mantendrán la estructura en piedra vista (...).*¹¹

Esta casa situada em Moledo, assenta-se num contexto rural muito marcante. O projeto caracteriza-se por dois conjuntos de casas, estando um dedicado ao turismo rural e o outro à habitação dos proprietários da casa.

Neste projeto abordamos o tema “*Como relacionar o novo à pré-existência?*”, conservando os muros de pedra e o telhado de duas águas que, ao mesmo tempo, evidencia-se o “novo”, com o volume que faz a ampliação para a casa dos clientes, tendo como referência a altura da ramada, tradição portuguesa, definindo toda a sua altura e de cota mais baixa, constituindo um contraste forte com a pré-existência.

*Se intenta recuperar el carácter de los edificios y del paisaje. Los elementos existentes y los nuevos establecen un claro contraste y se interpenetran de forma violenta.*¹²

No outro conjunto de casas, destinado ao turismo rural, não existe qualquer ampliação, fazendo com que o projeto de recuperação se delimite pelas pré-existências.

Este projeto suscita um redobrado interesse em relacionar o pré-existente com os novos volumes na Quinta do Outeirinho, neste caso, na ampliação da Casa principal através do alpendre, a relação das duas casas com o jardim e a nova estrutura a poente que dá apoio ao estacionamento.

¹¹ CIANCHETTA Alessandra / MOLTENI Enrico. Álvaro Siza. Casas Privadas 1954-2004. Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2004. Pag. 78

¹² CIANCHETTA Alessandra / MOLTENI Enrico. Álvaro Siza. Casas Privadas 1954-2004. Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2004. Pag. 72



Fig. 18



Fig. 19

Fig. 18- Fotografia que mostra a ligação entre o novo volume e a pré-existência. **Fig. 19-** Composição da fachada com o caixilho recuado para evidenciar o “velho”.

Casa Laura Fonseca

Macieira da Lixa, Felgueiras 2002-2014 Arq. José Gigante

Este projeto, situado na região do Norte, em Macieira da Lixa, Felgueiras, e muito próximo do local da presente intervenção, era caracterizado por uma construção ligada às tarefas agrícolas, designada como sequeiro, que noutros tempos estava destinada, com a eira a sul, à secagem dos cereais, e posteriormente à recolha dos mesmos para o seu interior.

Caracteriza-se pela preservação do que é possível mediante a degradação dos próprios materiais, relacionando o novo com a pré-existência e estabelecendo assim um diálogo de texturas que vai desde a madeira à pedra, com a preocupação de marcar a memória do que anteriormente tinha sido.

*(...) as formas arquitectónicas resultam das condições impostas ao material pela função que é obrigado a desempenhar e ainda de um espírito próprio daquele que age sobre o mesmo material. Daí que em toda a boa Arquitectura exista uma logica dominante, uma profunda razão em toda as suas partes, uma íntima e constante força que unifica e prende entre si todas as formas, fazendo se cada edifício um corpo vivo, um organismo que alma e linguagem próprias.*¹³

Com este projeto, entendemos que, devemos avaliar, estudar e principalmente refletir sobre os diversos tipos de materiais e soluções formais a adotar numa pré-existência, não deixando que algo deturpe as memórias tanto do local como do objeto arquitetónico, obtendo assim uma harmonia entre o passado e o presente.

¹³ Fernando Távora, Porto 1990. In Luiz Trigueiros (1993) Fernando Távora, Editorial Blau. Pág. 12

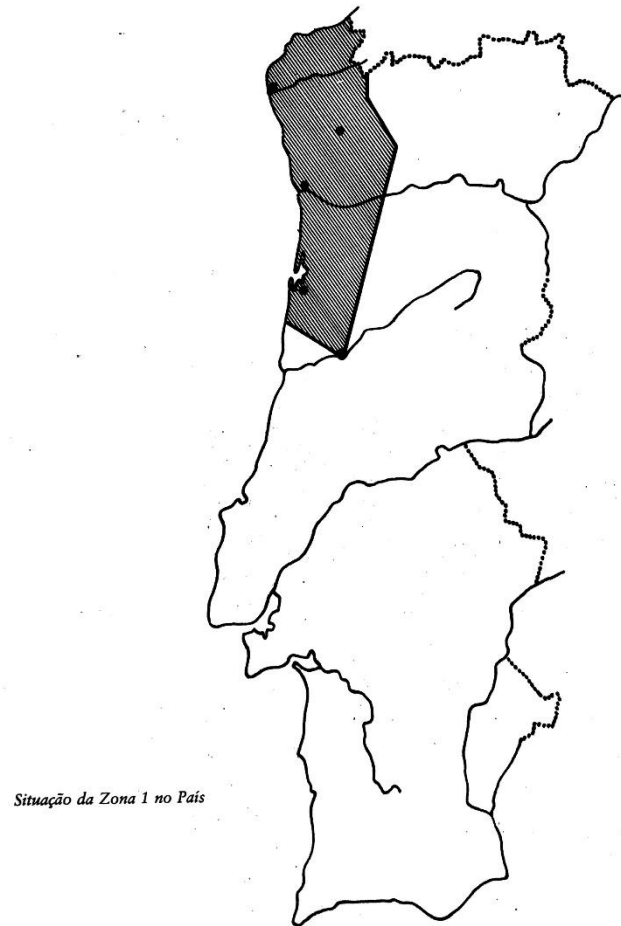


Fig. 20 – Localização da zona I do País no IAPP

1.3 Contexto

Enquadramento da intervenção no Inquérito da Arquitetura Popular em Portugal

1.3.1 Enquadramento

A Quinta do Outeirinho estabelece, pela sua morfologia, relação como o Inquérito da Arquitetura Popular Portuguesa. Este inquérito teve como objetivo compreender através das análises feitas pelos vários arquitetos, o tipo de arquitetura e realidades da vida quotidiana das diferentes zonas do país nas décadas 50 e 60, marcada por uma arquitetura variada e típica de cada zona.

Zona 1 – Minho; Zona 2 – Trás-os-Montes; Zona 3 – Beiras; Zona 4 – Estremadura; Zona 5 – Alentejo; Zona 6 – Algarve.

A Quinta do Outeirinho encontra-se na zona I, que diz respeito, geograficamente à zona do Minho. Este enquadramento permite-nos perceber as características do Minho, qual o tipo de povoamento em que está inserido bem como as técnicas, o tipo de construção e modos de vida.



Fig. 21 – Presença de Granito da zona do Minho em Portugal

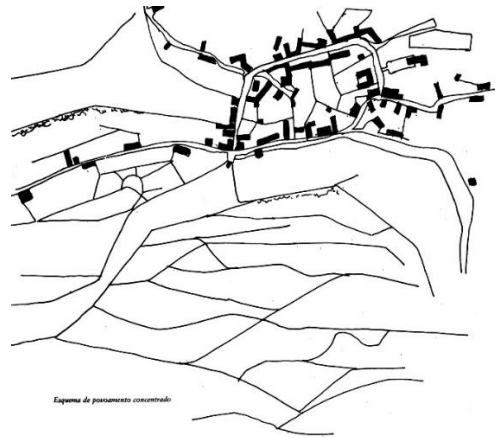
1.3.2 Caraterização geográfica

(...) Zona rica em história, onde a dimensão tempo significa e explica muita coisa, agitada ao longo dos séculos por choques de homens e culturas, povoada aqui por uma pequena aldeia de montanha, ali pela grande cidade, variada na sua economia, que oscila entre a agricultura de exploração quase primitiva à mais moderna indústria. ¹⁴

O local de intervenção insere-se na zona 1 – Minho, uma zona densamente povoada, que se estende desde o litoral ao interior. Numa zona marcada pelo seu forte e acidentado declive, destacam-se os diversos cursos de água que marcam e delimitam o território, como também o clima, húmido e regular, o que torna vantajoso para o cultivo e produção agrícola.

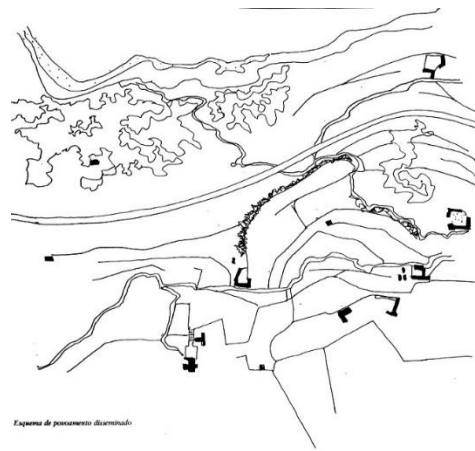
A forte presença do granito e do xisto fez com que as construções da época fossem marcadas essencialmente por estes dois materiais, não só na habitação, mas também nas construções que davam apoio a toda atividade agrícola.

¹⁴ APP- “Arquitectura Popular em Portugal” 2ª edição. Lisboa: Associação de Arquitectos Portugueses, 1980, pág. 3.



Esquema de povoamento concentrado

Fig. 22



Esquema de povoamento disseminado

Fig. 23

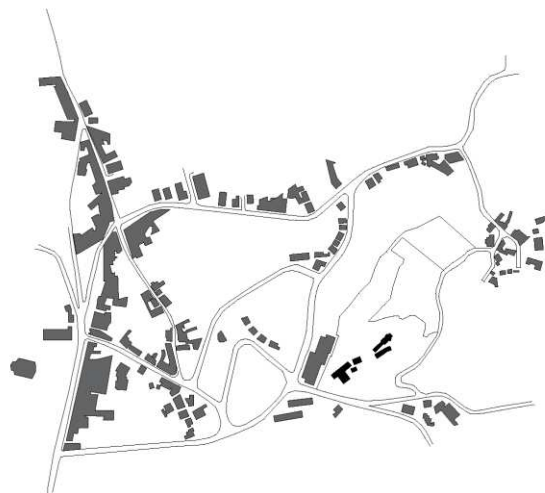


Fig. 24

Fig. 22 – Esquema de povoamento concentrado no IAPP; **Fig. 23** – Esquema de povoamento disseminado no IAPP; **Fig. 24** – Esquema da Cidade da Lixa, local da presente dissertação.

1.3.3 Tipo de Povoamento

Através deste Inquérito, podemos observar que na zona do Minho são vários os tipos de ocupação do território, não só pelo seu declive acidentado, mas também pelo choque de culturas e costumes de cada região, que vai desde o litoral ao interior, originando diversos modos de habitar e viver.

*(...) À margem destes, mas cravados no seu próprio agro, despontam as casas de lavrador, que se constituem como organismos unifamiliares e autossuficientes, compostas pela moradia e construções anexas, erguidas consoante as necessidades.*¹⁵

A Quinta do Outeirinho insere-se num povoamento concentrado. Vemos claramente pela sua implantação a importância da habitação e construções anexas junto das terras de trabalho e cultivo.

A arquitetura popular é marcada pela forte utilização dos materiais locais, como a pedra, no uso de processos construtivos.

¹⁵ APP- “Arquitectura Popular em Portugal” 2ª edição. Lisboa: Associação de Arquitectos Portugueses, 1980, pág. 37.



Fig. 25



Fig. 26

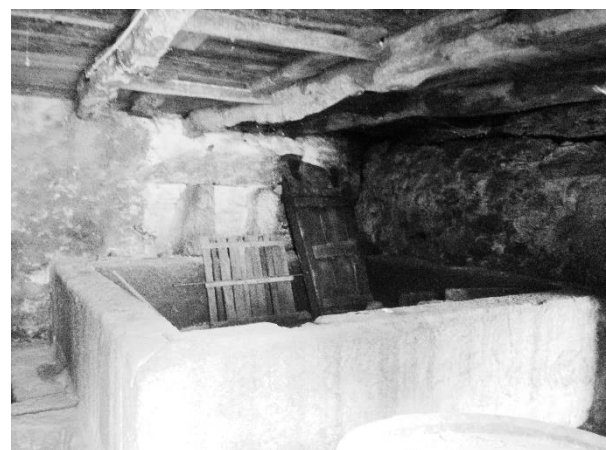


Fig. 27

Fig. 25 – Habitação em Chão de Espinho, Arouca, em IAPP;
Fig. 26 – Casa Principal na Quinta do Outeirinho, objeto de estudo;
Fig. 27 – Lagar da Casa Principal do Outeirinho, objeto de estudo.

1.3.4 Construções Minhotas

As habitações na região do Minho são, geralmente, de dois pisos e de planta retangular (Fig. 25 e 26). Estas divisões tinham caráter distinto, normalmente o piso térreo estava destinado ao apoio da atividade agrícola, onde se guardava material do campo, mas também onde se instalavam as cortes do gado, uma vez que no período de inverno serviam de aquecimento para o piso superior. Em alguns casos, e dependendo da região, havia uma adega, local onde se preparava o vinho com as uvas colhidas nos próprios terrenos, onde continha o lagar (elemento geralmente quadrado em pedra onde o próprio Homem pisava as uvas, processo que ainda nos dias de hoje os confeccionadores de vinho caseiro utilizam), e a prensa, que servia para preparar o processo do bagaço. O piso superior destas habitações era constituído por sala, ou salas, dependendo do tamanho, quartos e cozinha.

Estas construções, por não conseguirem dar resposta a toda a atividade agrícola dos próprios terrenos, constroem-se anexos de forma corresponder a essas mesmas necessidades (sequeiros, moinhos, espigueiros) e, dependendo do nível de “riqueza” do lavrador proprietário, surgem também as casas dos caseiros.

O aglomerado de construções da Quinta do Outeirinho, foi feito a partir de dois materiais: granito e madeira. Em muitas outras construções também vemos como elemento agregador da construção o xisto, material muito utilizado nos métodos construtivos desta zona.

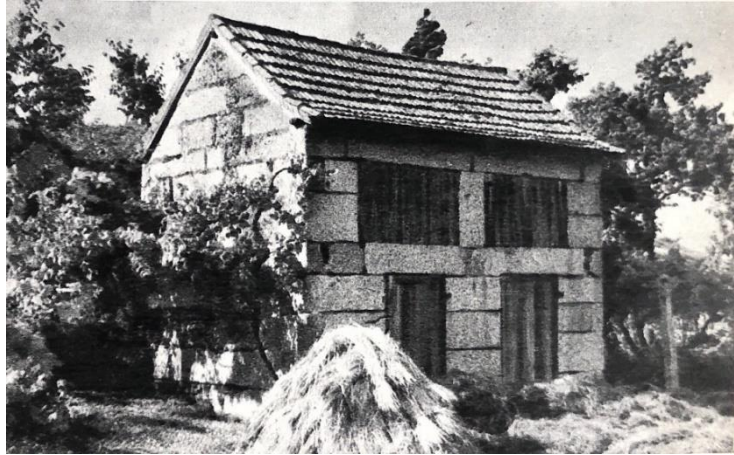


Fig. 28



Fig. 29

Fig. 28 – Sequeiro em Sezilde, Guimarães no IAPP. **Fig. 29** – Sequeiro na Quinta do Outeirinho, objeto de estudo.

A pedra é o elemento principal para a estrutura das construções, normalmente utilizado apenas para as fachadas e onde, em algumas situações, apresentava a marcação de datas nos lintéis das entradas, como vemos na fachada norte da casa principal da do Outeirinho. A madeira era utilizada no suporte da cobertura e no soalho que fazia a separação dos dois pisos.

Como já foi dito, as construções que dão apoio à atividade agrícola são muito importantes para as necessidades de cultivo e armazenamento do produto que vinha da terra. O conjunto que constitui a Quinta do Outeirinho apresentava-nos essas mesmas necessidades da vida quotidiana, sendo distribuído pela casa dos avós, casa dos caseiros, sequeiro e um espigueiro, que atualmente já não se encontra no local visto ter desmoronado há alguns anos. Existia também um moinho que movia as águas correntes dos ribeiros que ladeavam e delimitavam os terrenos.

Sequeiro

Os sequeiros são construções muito simples, orientadas a sul, abraçando a eira e de forma a permitir uma boa exposição solar. Caracterizados por muros, ombreiras e padieiras em pedra (Fig. 28 e 29), o seu conjunto, normalmente, exprime uma forma retangular ou quadrada, que suporta um telhado de duas ou quatro águas. O uso de madeira neste tipo de construções também é imprescindível, através do “(...) travejamento interno, soalhos, tabiques portadas e prumos.”¹⁶

¹⁶ APP- “Arquitectura Popular em Portugal” 2ª edição. Lisboa: Associação de Arquitectos Portugueses, 1980, pág. 54



Limite do terreno

Fig. 30 – Planta da cidade da Lixa.

1.4 Localização e Identidade

O conjunto edificado objeto desta intervenção, encontra-se na região norte, precisamente na sub-região do Tâmega, um território que se estende sobre a estrada N15 e N101, abrindo-se então para lugares menos urbanizados.

A Lixa, fig. 30, é uma cidade que pertence ao concelho de Felgueiras, distrito do Porto, com cerca de 9000 habitantes, sendo distribuída atualmente por três freguesias: união das freguesias de Vila Cova da Lixa e Borba de Godim, união das freguesias de Macieira da Lixa e Caramos e por fim, união das freguesias de Vila Verde e Santão. Esta cidade é constituída por uma topografia acidentada, destacando-se um relevo montanhoso a sul, monte do Ladário, e a Norte o monte do Seixoso, coberto com um manto florestal formado por espécies arbóreas de diferentes tipos, rasgado por vales onde acolhe ribeiros e lagoas.

De facto, este território não se caracteriza pelos seus limites, mas sim através da necessidade que o homem tem em adaptar-se à topografia do território, constituindo desta forma uma concentração dispersa em todos os eixos.

A atividade agrícola era e é o meio de subsistência de muitas famílias, cultivando nos seus terrenos ou pequenos quintais, o milho, o feijão, a batata, o centeio, a cebola, e a uva (origem do famoso vinho verde da região).



Fig. 31



Fig. 32



Fig. 33

Fig. 31 – Vista sobre monte do Seixoso. **Fig. 32** – Sequeiro do Outeirinho. **Fig. 33** – Processo de desfolhagem do milho.

A Quinta do Outeirinho, é marcada pela sua paisagem natural, com vinhas e ramadas que delimitam as leiras das casas e quintas. Está situada na freguesia que se encontra mais abaixo da cota do centro da cidade, e a que mais favorece em termos paisagísticos, é possível ainda observar o castelo de Arnoia, dos finais do séc. X, de estilo românico, em Celorico de Bastos. Na proximidade ao Outeirinho, vemos a Igreja de Borba de Godim, também esta dos finais do séc. X, de estilo românico.

A paisagem que envolve a Quinta é típica do Minho rural, os caminhos, as casas, o casario, as terras. Observa-se uma forte presença do granito, marcado tanto nas construções como na vida no campo.

Como referido anteriormente, as aglomerações populacionais aparecem associadas a um conjunto diverso de construções, tanto agrícolas como para habitação. As construções para dar apoio à agricultura advém, na maior parte, da necessidade de coletar alimentos e produtos que vinham do campo, que durante vários anos, o milho foi a predominância agrícola no Outeirinho, em conjunto com o vinho. Com a necessidade do próprio cereal ter de estar associado a terrenos férteis e a zonas de água, este encontrou a sua eleição nas regiões da Beira Litoral e do Minho, onde a sua dissipação e expansão foi enorme. Esta rápida mudança na cultura agrícola portuguesa levou à construção de diversas estruturas para dar apoio ao processo deste cereal.

Construíram-se sequeiros, alpendres, eiras e espigueiros, todos com a sua função nas diversas fases do processo do cereal. A eira, de forma quadrada ou retangular, de lajeado de granito, normalmente associada aos celeiros, era destinada para a secagem do cereal após a retirada do campo. Quando o cereal estivesse pronto a ser colhido, era transportado para a eira, onde começava o processo da desfolhagem¹⁷ trabalho realizado à noite com alegria e cantigas à mistura. Os sequeiros serviam para armazenamento do cereal e das ferramentas do campo. Havia também o processo de secagem das espigas que era feito numa outra estrutura designada como espigueiro.

¹⁷ Processo de separação da espiga da palha.

II. Projeto

2.1.1 Levantamento



Fig. 34 - Limite do terreno ■

A Quinta do Outeirinho situa-se a sul do centro da cidade e contém cerca de 23.000.00 m²

Inserida no meio urbano, destaca-se principalmente pela sua implantação central no terreno a que pertence.

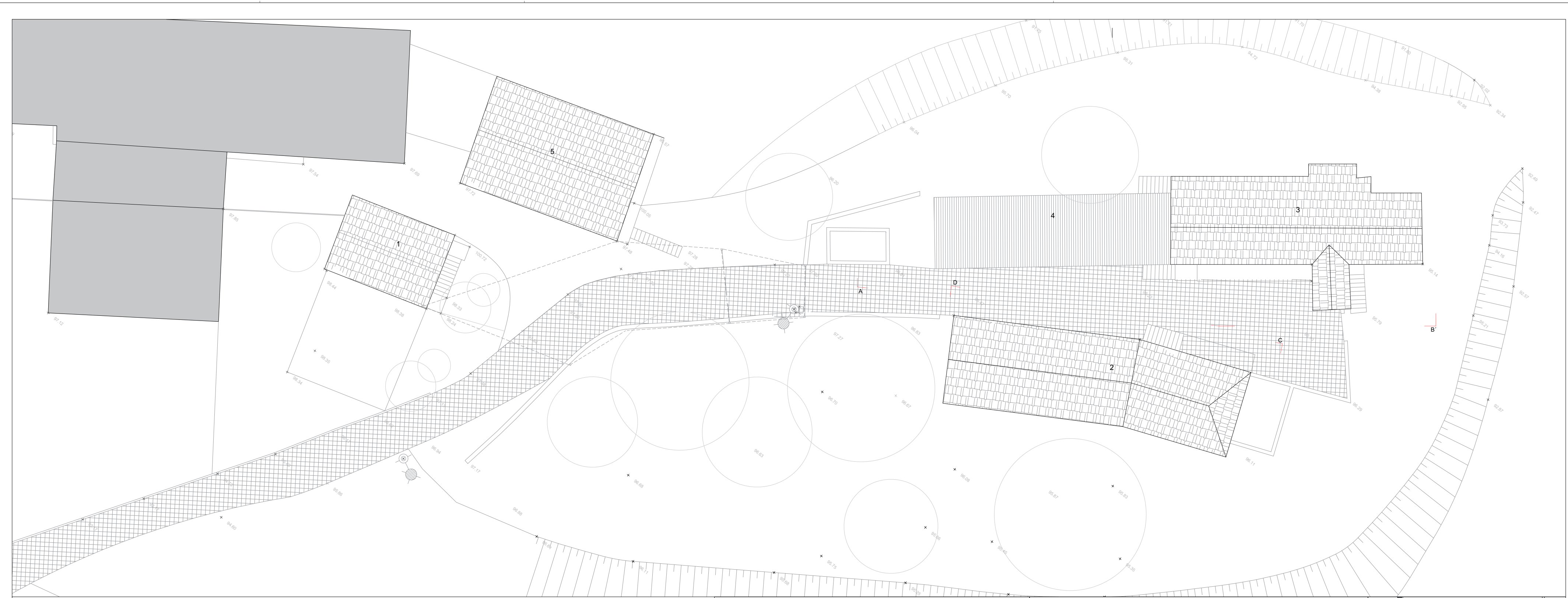
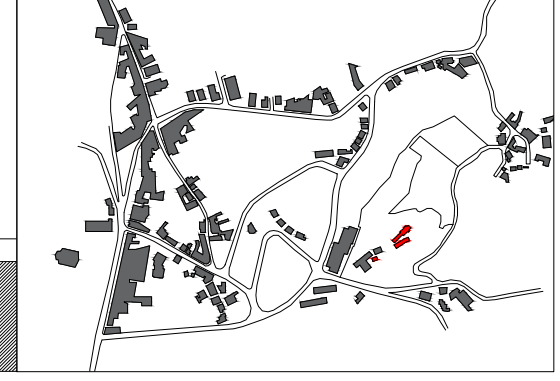
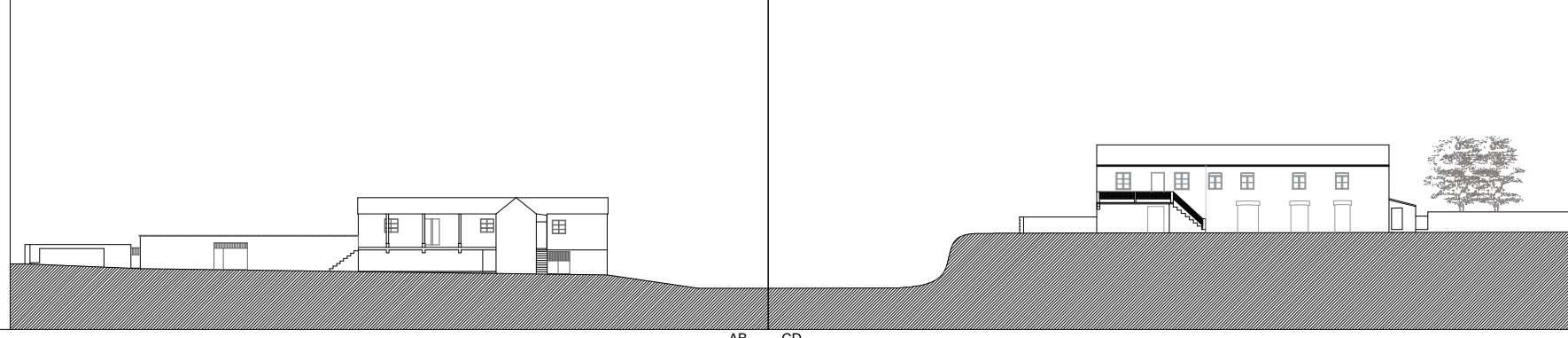


Fig. 35 - Vista panorâmica da Quinta do Outeirinho

Quantificação das construções disponíveis

Casa Principal	Casa dos Caseiros	Sequeiro
-Área bruta de construção - 282.97 m ²	-Área bruta de construção - 249.57 m ²	-Área bruta de construção - 282.97 m ²
Piso R/Chão - 147.80 m ²	Piso R/Chão - 123.49 m ²	Piso R/Chão - 147.80 m ²
Piso 1 - 135.10 m ²	Piso 1 - 126.00 m ²	Piso 1 - 135.10 m ²



1- Sequeiro 2- Casa Principal 3- Casa dos Caseiros 4- Adegas 5- Armazém



Legenda

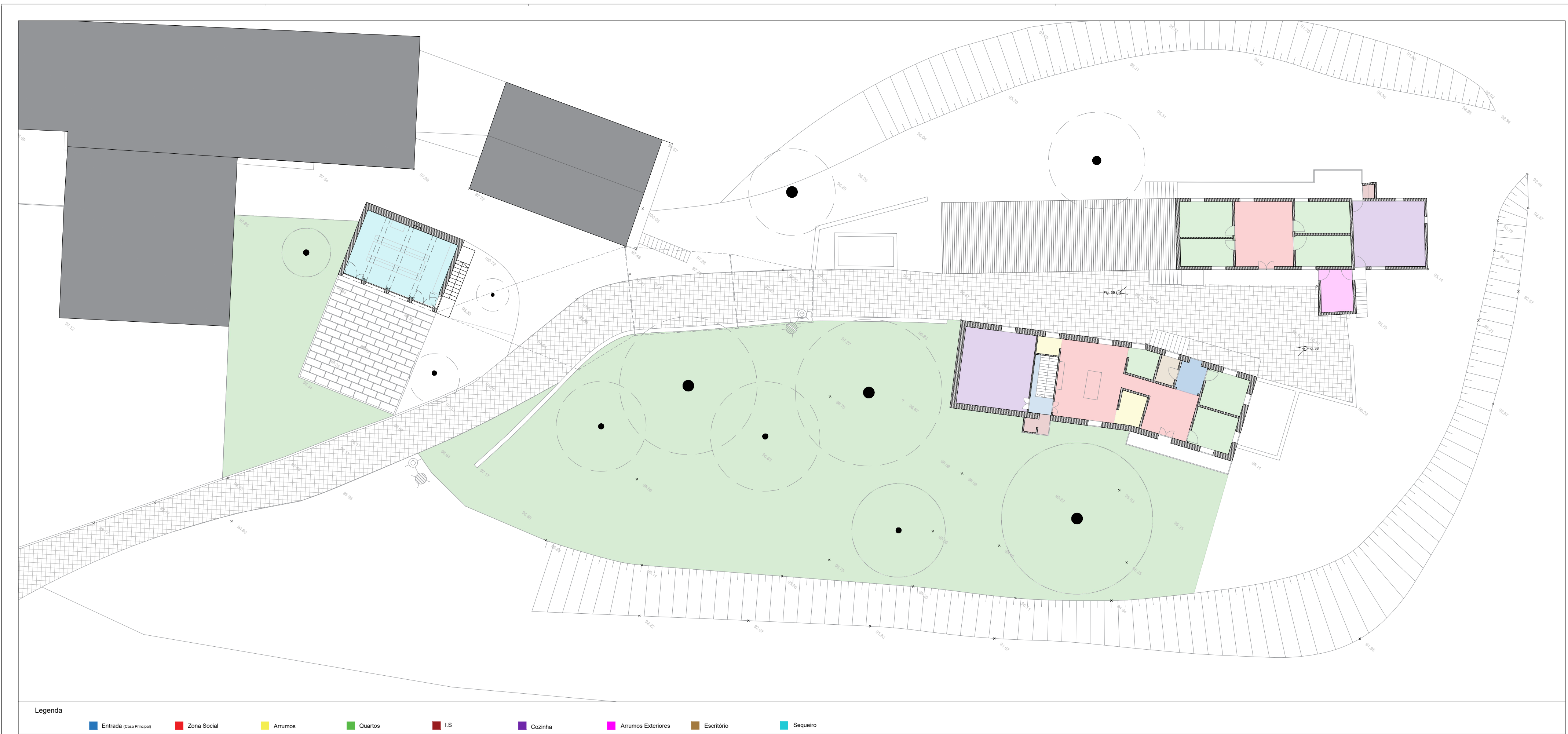
- Entrada (Casa Principal)
- Loja da lenha
- Cortes
- Antiga adega
- Armazém
- Depósito I-S
- Lagar
- Adega
- Galinheiro
- Armazém
- Arrumos
- Sequeiro



Fig. 36- Sequeiro



Fig. 37- Armazém



Legenda

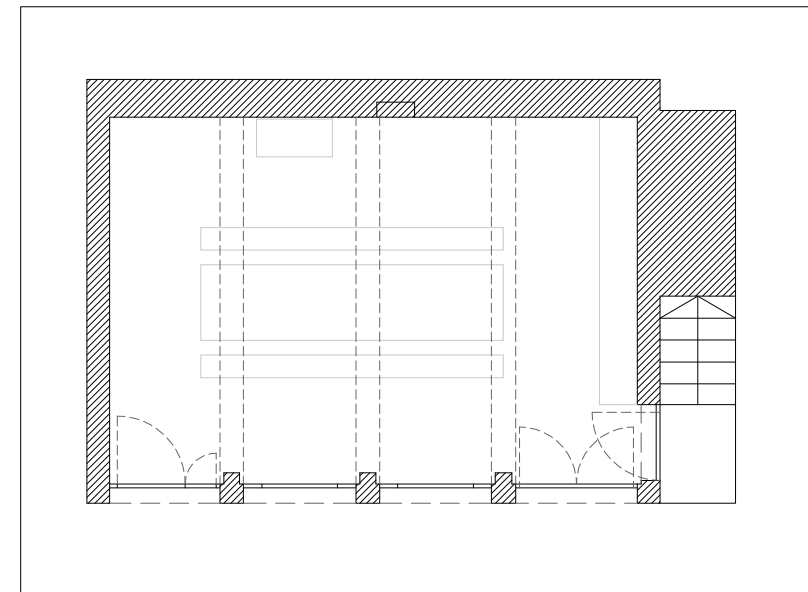
- Entrada (Casa Principal)
- Zona Social
- Arrumos
- Quartos
- I.S
- Cozinha
- Arrumos Exteriores
- Escritório
- Sequeiro



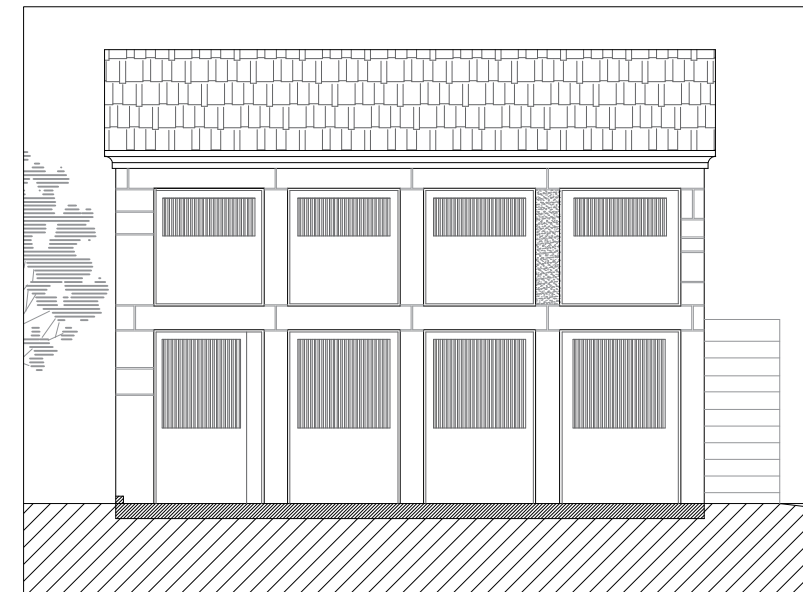
Fig. 38 - Casa Principal



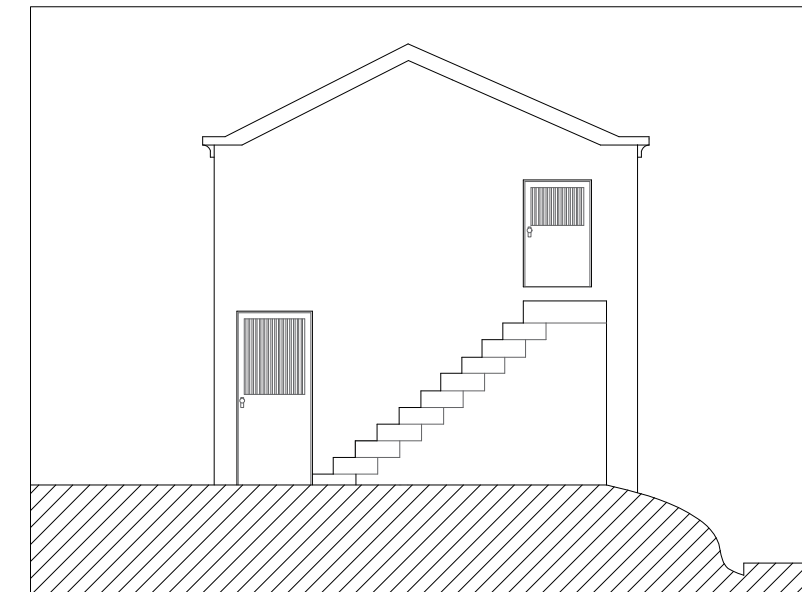
Fig. 39 - Casa dos Caseiros



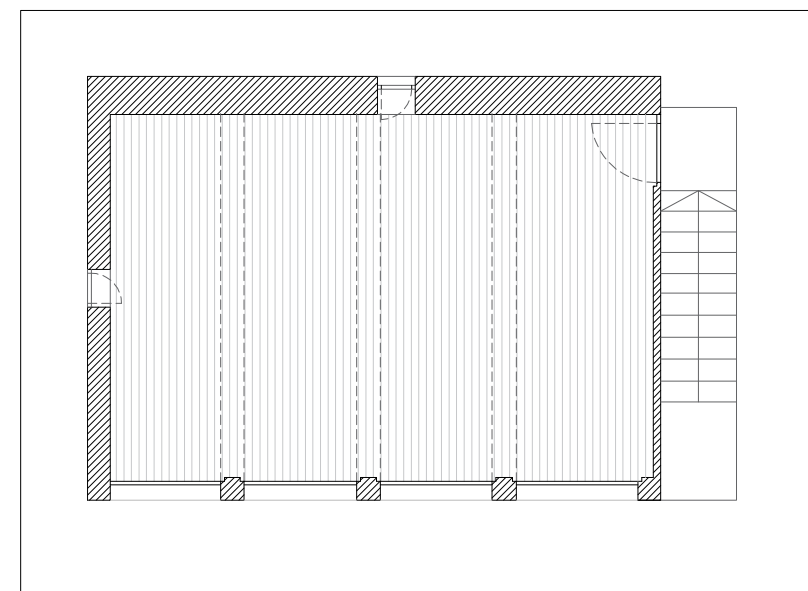
Planta R/ Chão



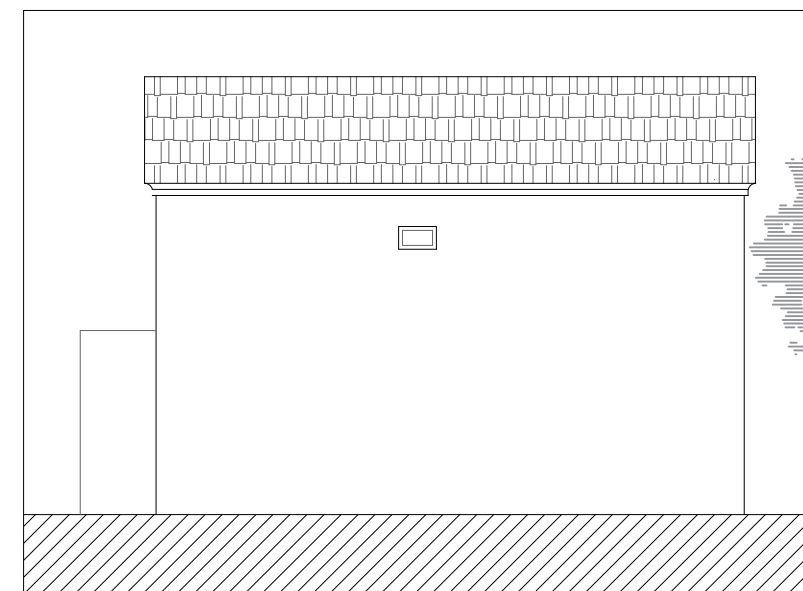
Alçado Sul



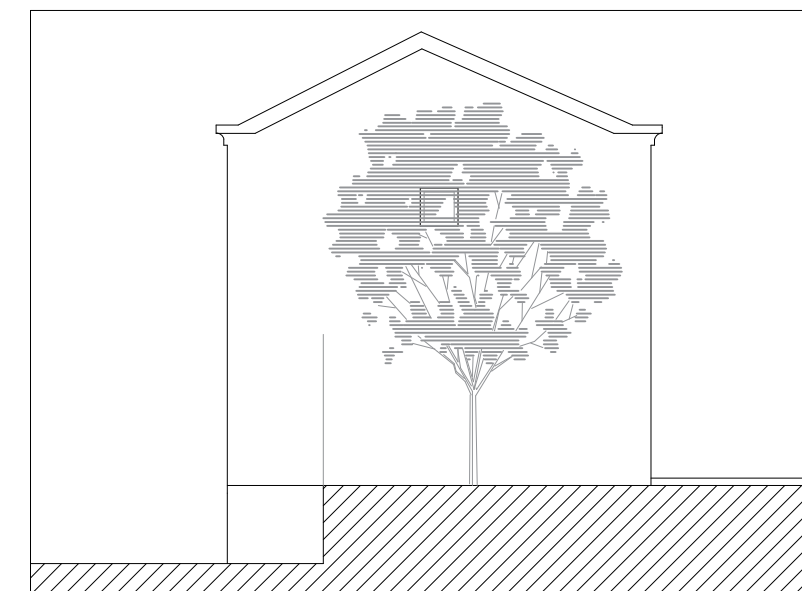
Alçado Nascente



Planta 1º Piso



Alçado Norte



Alçado Poente



Fig. 36- Interior do sequeiro R/ Chão

Fig. 37-Interior do sequeiro 1º Piso

2.1.2 Patologias

O acesso à Quinta faz-se através de um caminho que anteriormente era coberto por uma ramada, servido pela rua a que se deu o nome desta quinta, Rua do Outeirinho, onde se fazia a ligação para outras aldeias e locais próximos, como Sanguinhedo e o Paço.

Um dos traços mais impressionantes da civilização do Norte de Portugal é certamente a mestria na construção de granito. Nas casas, nos muros, nos suportes, nos monumentos, a pedra constitui o principal material de construção.¹⁸

Segundo Orlando Ribeiro, o Norte de Portugal é marcado pela forte presença de edifícios em granito e no conjunto de casas da Quinta do Outeirinho encontramos esse material, sendo todas as construções, em alvenaria de pedra.

A Quinta do Outeirinho foi abandonada há alguns anos, por volta de 2002, por falecimento da última família que nela habitou, o que levou à sua degradação devido à falta de manutenção. Nesse sentido, e focando-nos em todas os objetos de intervenção, o levantamento das patologias é importante, para percebermos o nível de degradação dos materiais, não comprometendo intervenções futuras no que diz respeito à utilização e conforto.

O Sequeiro, apresenta no seu interior uma deterioração mais avançada que nas suas fachadas. A fachada sul, de estrutura porticada (ombreiras e padieiras) constituída por granito, está diretamente relacionada com a eira, local onde antigamente secavam os cereais. Na fachada nascente, uma escada em granito eleva-se até ao piso superior.

A cobertura de duas águas assenta numa estrutura de madeira com travamento interno nos prumos e os vãos da fachada são preenchidos por portadas de ripado de madeira, fixadas com dobradiças, diretamente nas padieiras em pedra, abrindo-se para o interior.

¹⁸ Ribeiro, Orlando – Geografia e Civilização, 1961. Pag.2



Resultado de várias fases de construção

Fig. 42



Fig. 43

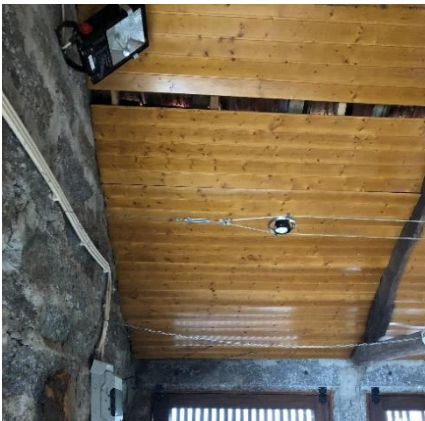


Fig. 44



Fig. 45

Fig. 42 – Pormenor da cobertura na fachada nascente do sequeiro; **Fig. 43** – Interior no 1º piso do sequeiro; **Fig. 44** – Cobertura do sequeiro com falhas de ripado em madeira; **Fig. 45** – Pormenor de apoio das vigas em madeira do suporte do pavimento referente ao 1º piso.



Fig. 46



Fig. 47



Fig. 48



Fig. 49

Fig. 46 – Antiga zona de confeção de alimentos, casa dos caseiros; **Fig. 47** – Forno antigo, casa dos caseiros; **Fig. 48** – Acesso à cozinha e anexos, casa dos caseiros; **Fig. 49** – Banca de cozinha, casa dos caseiros.

No interior, o rés-do-chão, apresenta-nos três vigas em madeira apoiadas na estrutura do pórtico sul e encastradas na parede norte suportando o pavimento do piso superior. As paredes poente e norte, têm uma espessura com cerca de 40 cm, sendo continuas em toda a sua altura até estabelecerem união com a estrutura da cobertura. Na parede a nascente, no piso do rés-do-chão, a largura é também aproximadamente de 40cm, mas ao encontrar-se com o nível do pavimento do primeiro piso, o limite interior recua para que a estrutura, deste mesmo pavimento, apoie na face mais robusta da parede, constituindo assim uma parede para o primeiro piso com apenas com 10 cm de espessura.

As paredes exteriores do sequeiro, na fachada nascente e poente apresentam-nos uma colonização biológica na superfície da pedra, que se deve possivelmente à presença de humidade: o facto da parede nascente estar em sombra sobre uma ramada, o que causa níveis de humidade altos e na parede poente encontra-se um limoeiro onde a copa da árvore abraça a pedra. A cobertura, embora tenha sofrido algumas alterações há poucos anos, as telhas estão muito degradadas e a própria estrutura em madeira já se encontra num nível de desgaste avançado. Com esta análise, verificamos também a avançada deterioração no soalho em castanho, carecendo já de algumas tábuas tornando-o perigoso para a circulação.

Na casa principal, as patologias são diversas, após o “abandono” e sem manutenção, os materiais rapidamente entraram em estado de decomposição. As paredes em alvenaria de pedra, contêm tanto a nível interior como exterior, manchas e musgo provenientes de humidade. O pavimento do primeiro piso, em madeira de castanho, apresenta-se já numa fase de apodrecimento em todas as áreas da casa devido aos fungos e às condições atmosféricas, principalmente na zona da cozinha, já que em alguns sítios o soalho é inexistente. Ainda na cozinha são várias as manchas de sujidade e de fumos resultantes da confeção de alimentos que ficaram incrustados, na própria pedra, causando o aparecimento de manchas negras muito intensas. As paredes interiores em tabique, em contrapartida apresentam-se em melhor estado do que o resto dos materiais de construção, que constituem a casa,



Fig. 50

Aparecimento de ervas e musgo nas paredes resultado de abandono.



Fig. 54



Fig. 51



Fig. 55

Degradamento avançado no interior.



Fig. 52

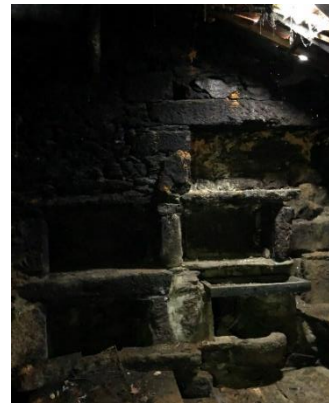


Fig. 56



Fig. 53

Portas exteriores de madeira em mau estado



Fig. 57

Fig. 50 – Entrada da antiga adega, casa principal; **Fig. 51** – Cobertura degradada na cozinha, casa principal; **Fig. 52** – Lagar com a antiga prensa de bagaço ao fundo; **Fig. 53** – Entrada para o lagar muito danificada.

Fig. 54 – Aparecimento de musgo sobre a fachada da casa principal; **Fig. 55** – Parede em tabique muito danificada; **Fig. 56** – Espaço da cozinha muito danificado, proveniente de fumos e sujidade; **Fig. 57** – Estrutura de suporte do 1º piso em mau estado.

À exceção da entrada para os quartos, onde no rodapé, surge pontualmente a falta de argamassa e traves de madeira devido a situações criadas por terceiros.

Na Casa dos Caseiros, a mais recente do conjunto, o corpo que dá acesso aos quartos e à zona principal da casa, sala de estar, situa-se no primeiro piso e o piso térreo dá lugar à corte. A cozinha e construções anexas, como a instalação sanitária e arrumos, é feita em alvenaria de bloco de cimento, sendo esta, uma estrutura ambígua e mais recente que o corpo principal. Através da análise desta casa, constatamos que, por abandono, existe uma invasão de ervas e trepadeiras sobre as paredes exteriores, não sabendo ao certo o estado em que se encontram, porém, a nível interior, o pavimento e paredes aparentam estar bem conservados. A cozinha revela um certo desgaste, tanto nas paredes por estarem repletas de sujidade, mas também pelos anos acumulados sem manutenção.

2.2 Programa Preliminar

O programa preliminar proposto pelo José para a intervenção na Quinta do Outeirinho consistia na reabilitação das três partes, a casa principal, a casa dos caseiros e o sequeiro. Relativamente ao Sequeiro que compõe o conjunto pretendia um refúgio de fim de semana, onde no piso inferior fosse a zona social (sala e cozinha) e no piso superior a zona de dormir. A seu pedido esta intervenção vai ser a mais aprofundada, por uma necessidade pessoal em ter o projeto concretizado, logo, o foco principal deste trabalho visa, aprofundar e levar ao pormenor todo o processo projectual do Sequeiro e trabalhar numa possível estratégia para as duas casas e arranjos exteriores.

À conversa com o José sobre a casa principal e a casa dos caseiros, o que se pretende para estes dois objetos são duas casas, com programa ligação pelo interior, refere o José que, «tanto pode ser para uma família como para duas». Esta exigência perante as duas casas, requer um programa específico para cada uma delas, pelo que houve a necessidade de definir o programa.

Casa Principal

- Sala Estar/Jantar
- Cozinha
- Lavandaria
- Escritório
- 3 Quartos, sendo um suite.

Há também o desejo de incorporar uma pequena adega ou garrafeira no piso de rés-do-chão.

Casa dos Caseiros

- Sala Estar/Jantar
- Cozinha
- 2 ou 3 Quartos

2.3 Descrição

Casa de Repouso, antigo Sequeiro

Projetar significa, em grande parte, compreender e ordenar. Mas a verdadeira substância essencial da arquitetura é originada, no meu entender, pela emoção e inspiração. Os momentos valiosos da inspiração aparecem com o trabalho paciente. Através de uma imagem interior que surge de repente, de um novo traço num desenho, toda a construção do projeto parece alterar-se e reconstituir-se numa fracção de segundo. É como se, de repente, sentisse o efeito de uma droga estranha. Tudo o que ainda agora sabia sobre o objecto a criar aparece sob uma clara e nova luz. Sinto então alegria e paixão e algo em mim parece dizer: Quero construir esta casa.¹⁹

A parte projetual da Casa de repouso, antigo sequeiro, visa articular todo o processo de reconstrução da Quinta do Outeirinho, não só pela forte ligação entre o passado e o presente, mas também pela necessidade pessoal do cliente em ser a primeira a intervir. A solução final seria manter o aspeto original em pedra no exterior, reclamando que, “*Eu sou tal como tu me vês e daqui faço parte*”²⁰, mantendo a eira como um espaço agregador da casa. Podemos considerar que, esta casa de repouso, é constituída por 2 momentos: o rés-do-chão, constituído por cozinha, instalação sanitária, zona de refeições e espaço de estar, e o primeiro piso onde se situa a zona de dormir que se dá a possibilidade de aceder diretamente pelo exterior através da escada pré-existente também em pedra. A relação destes dois espaços fica marcada pelo pé direito duplo na zona social que faz com que, o rés-do-chão e o primeiro piso, ganhem amplitude visualmente maior e pela escada interior que, apesar de não ser convencional, permite esta ligação entre os diferentes pisos e possibilita arrumos no seu interior.

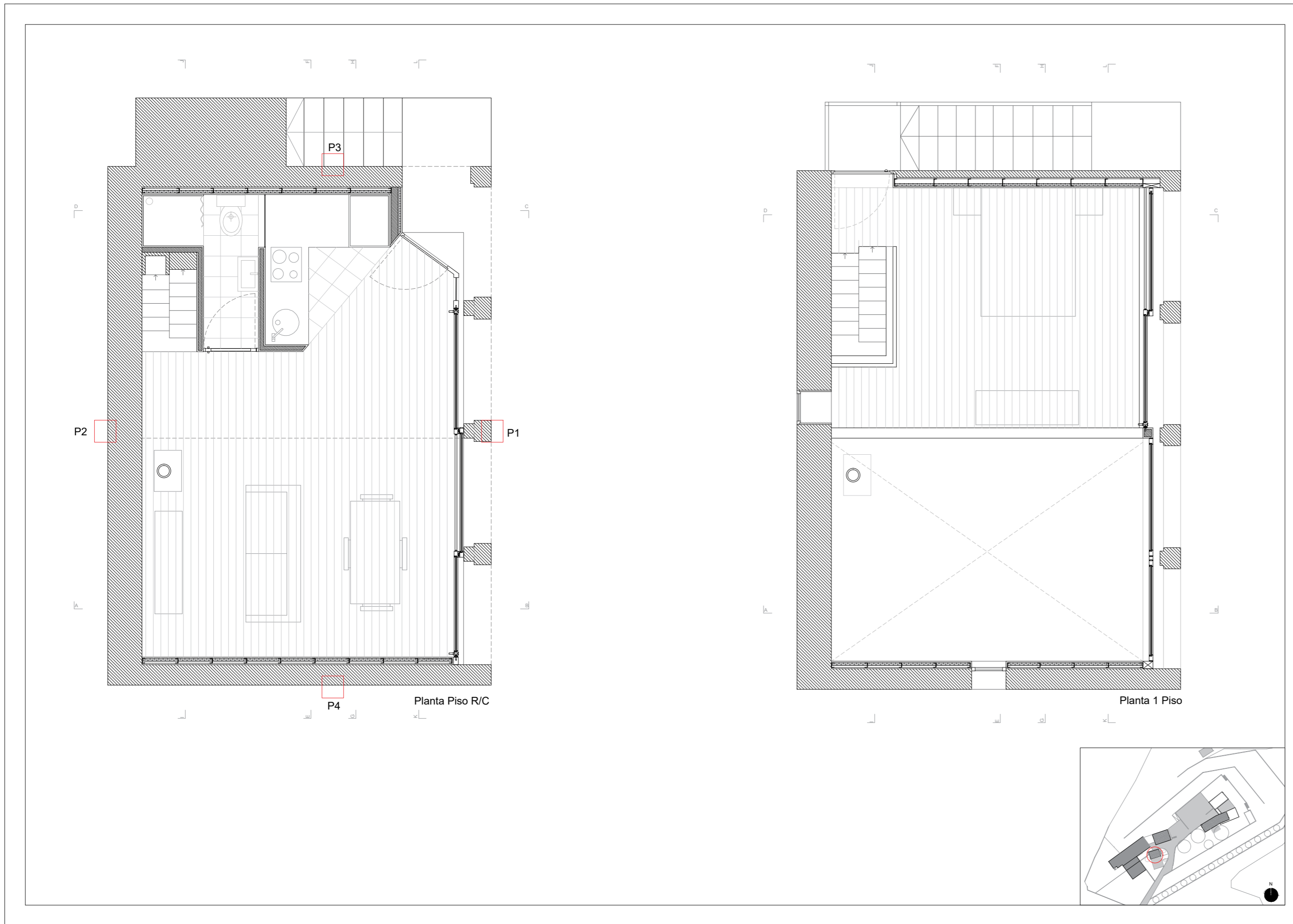
No rés-do-chão incluiu-se uma instalação sanitária, que foi definidora e determinante para todo o projeto, por se tratar de um espaço obrigatório na casa, mas também na dificuldade de incorporar entrada de luz. A solução adotada passa por integrar a cozinha com a casa de banho na parede a nascente, abrindo um vão com 0.70m de largura e 1,2m de altura na banca da

¹⁹ ZUMTHOR, Peter. Pensar a Arquitetura. Barcelona: GG, 2009. p. 21.

²⁰ ZUMTHOR, Peter - Pensar a Architectura. Barcelona, Gustavo Gili, p. 17

cozinha, permitindo assim a penetração de luz natural na instalação sanitária. A entrada neste momento faz-se entre a fachada sul e nascente, o recuo da porta, proporciona assim um espaço exterior coberto, funcionando como hall e agregador entre a eira e a escada a nascente. A porta fazendo 45° com o pórtico sul, cria uma forma diagonal no interior, o que faz com que o todo o espaço ganhe expressividade e amplitude. A decisão de recuar os vãos da fachada sul permitiu um isolamento térmico melhor e possibilitou observarmos o encaixe onde antigamente eram fixadas as portadas na pedra, assistimos assim a uma forte ligação entre o passado e o presente.

No primeiro piso, com a criação do pé direito duplo possibilitou-se que toda a casa ganhasse uma maior dimensão, permitindo assim, a existência de um diálogo entre a zona de dormir e a zona de estar.



Estereotomia de fachadas



Fig. 58 - P1 - Fachada Sul



Fig. 59 - P2 - Fachada Norte



Fig. 60 -P3 - Fachada Nascente

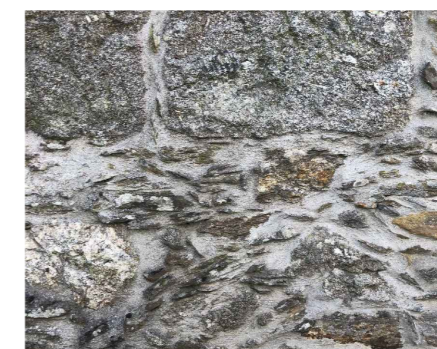


Fig. 61 -P4 - Fachada Poente





AA' Alçado Sul

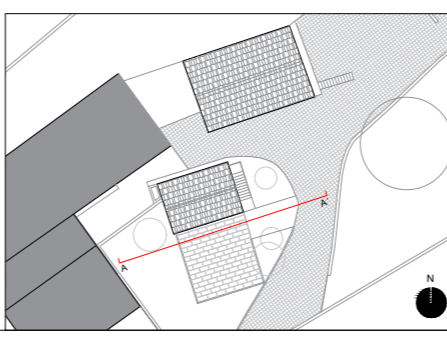
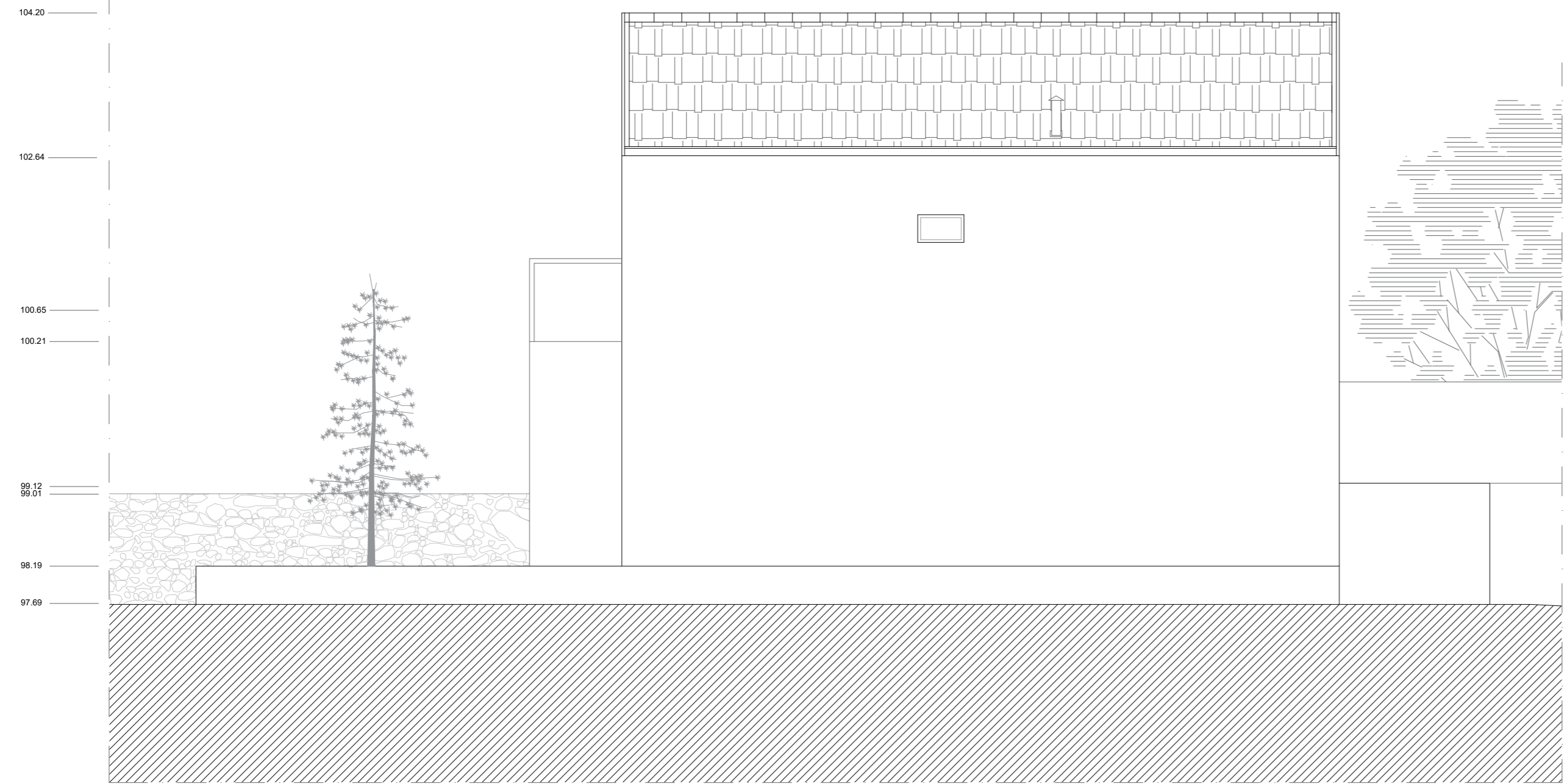


Fig. 62 - Vista sobre a zona de acesso à casa de repouso



BB' Alçado Norte

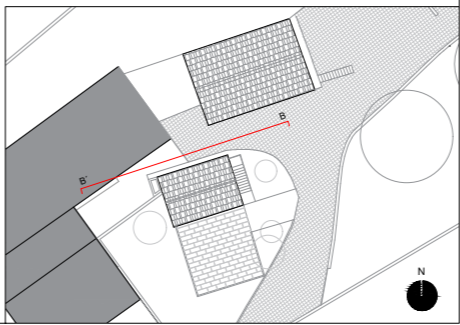


Fig. 63 - Vista sobre a zona o pequeno jardim na envolvente

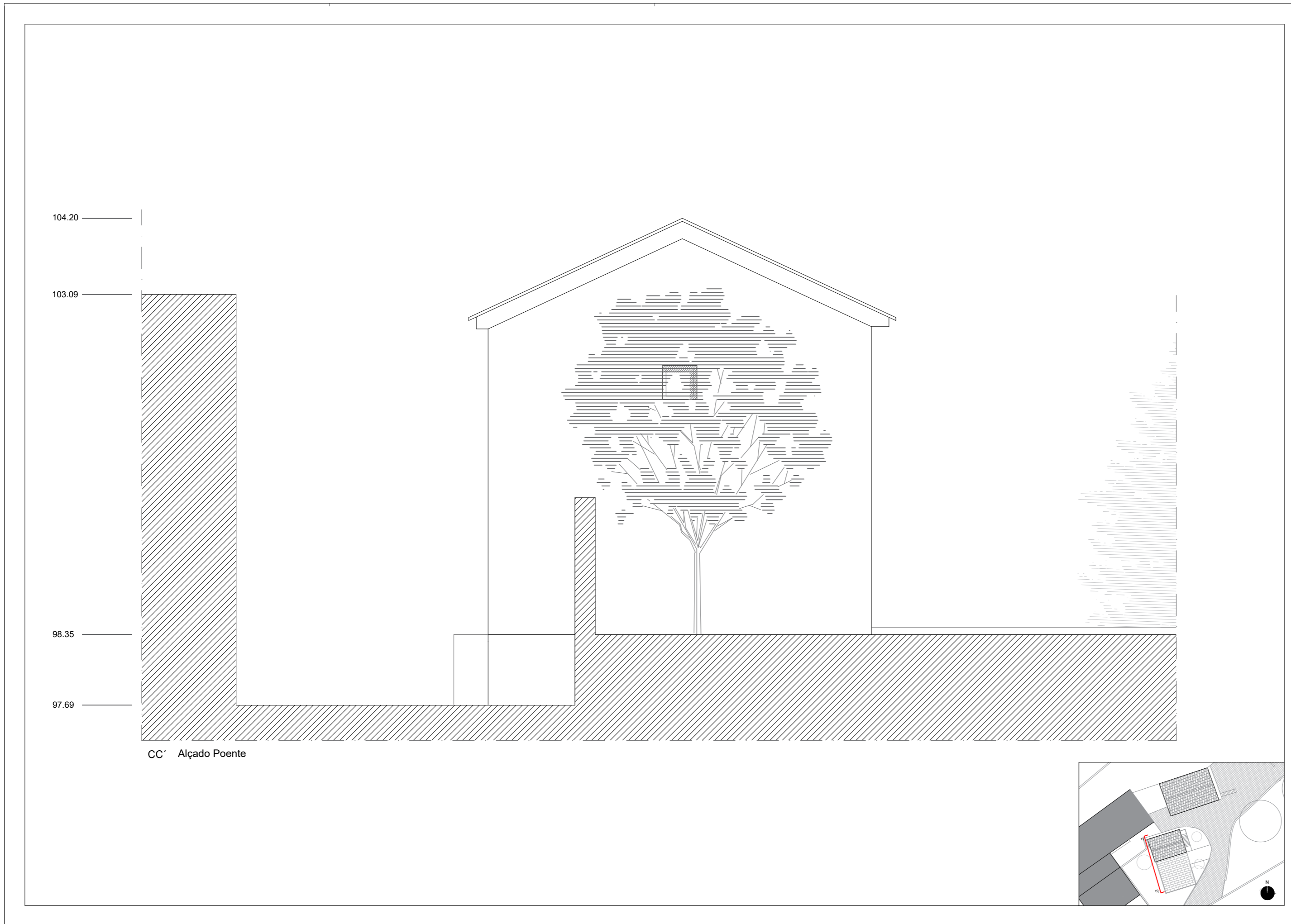
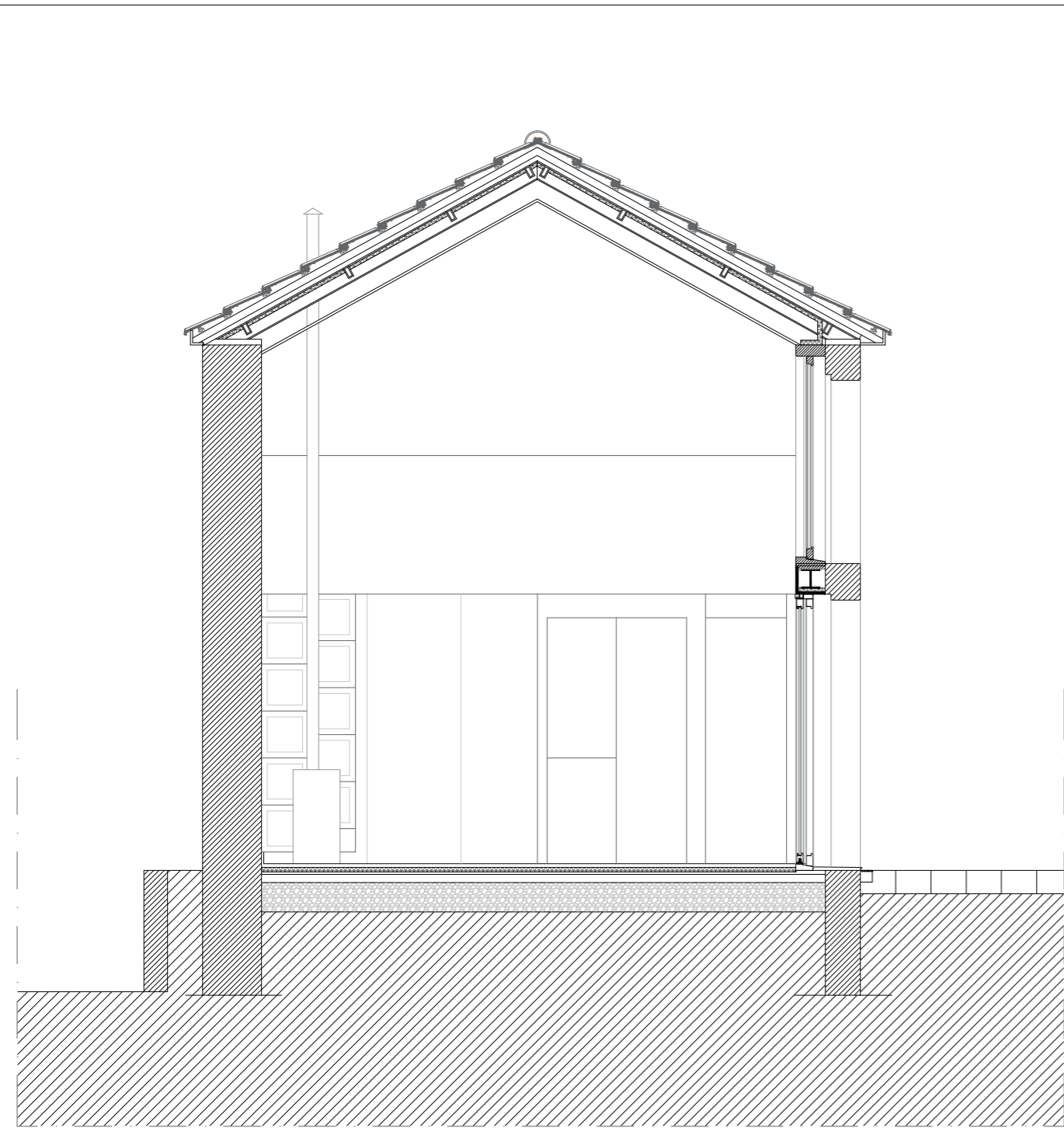
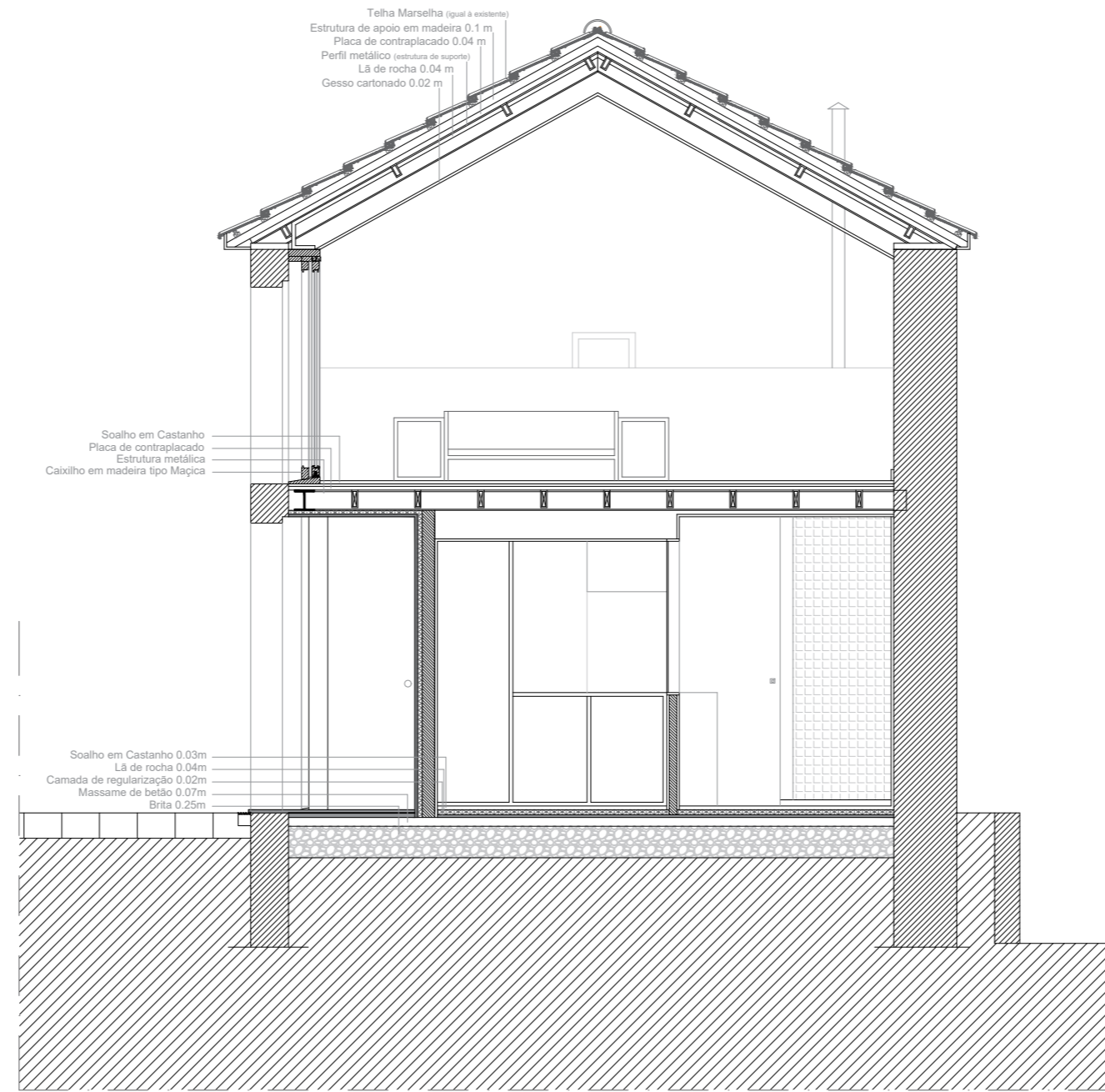


Fig. 64 - Vista geral da maquete



Corte Transversal AB



Corte Transversal CD

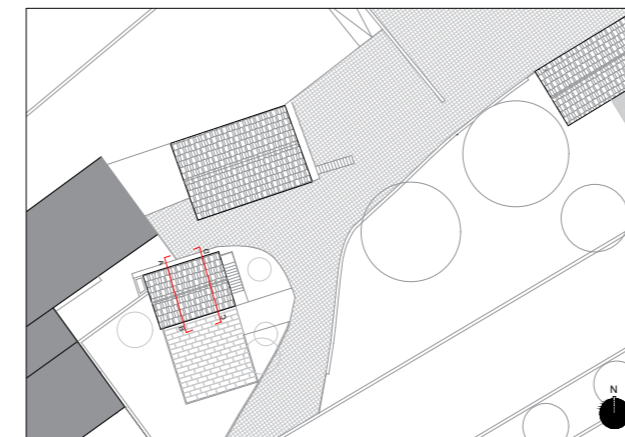
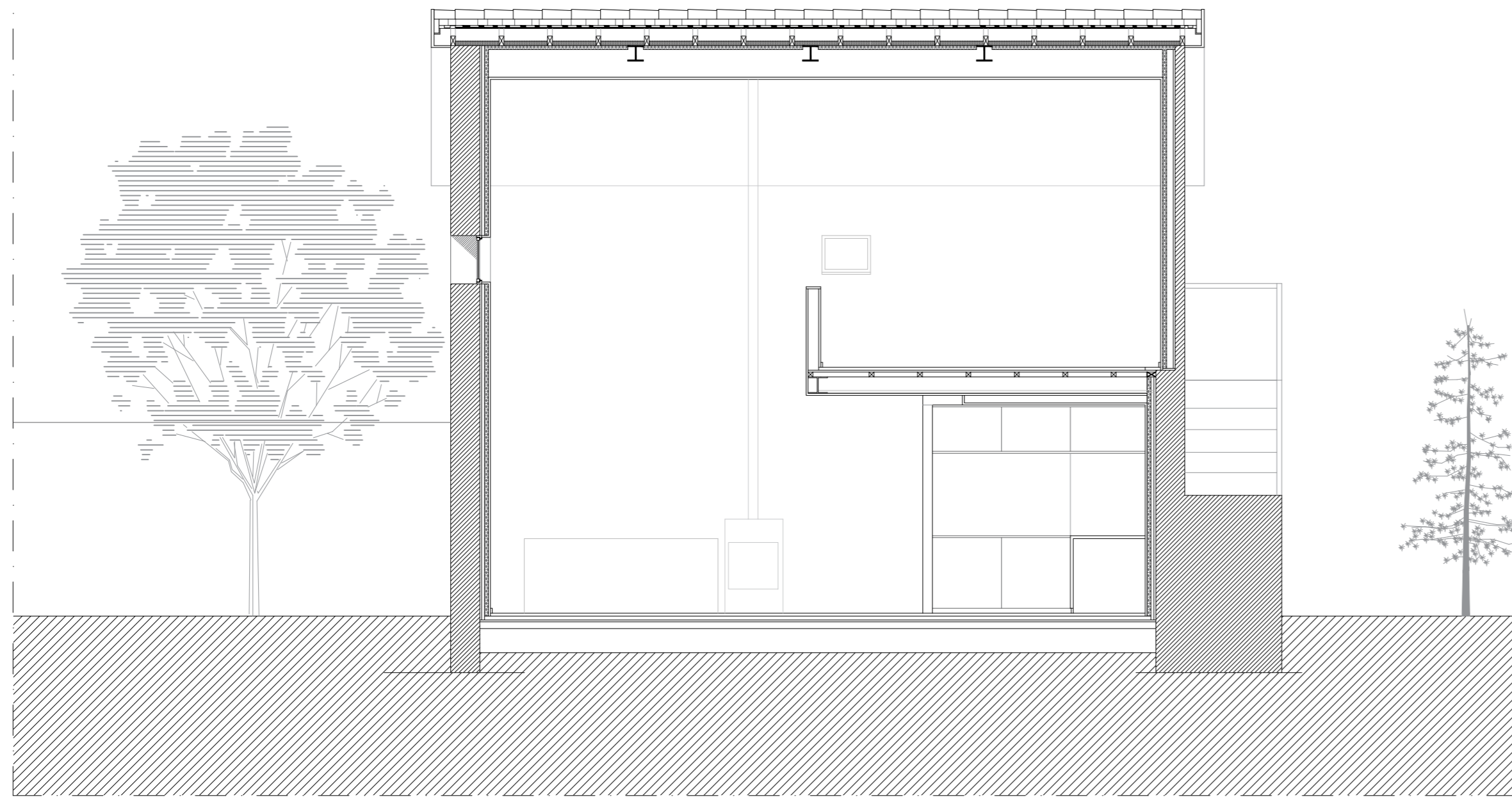


Fig. 66 - Vista interior da zona social



Corte Longitudinal EF

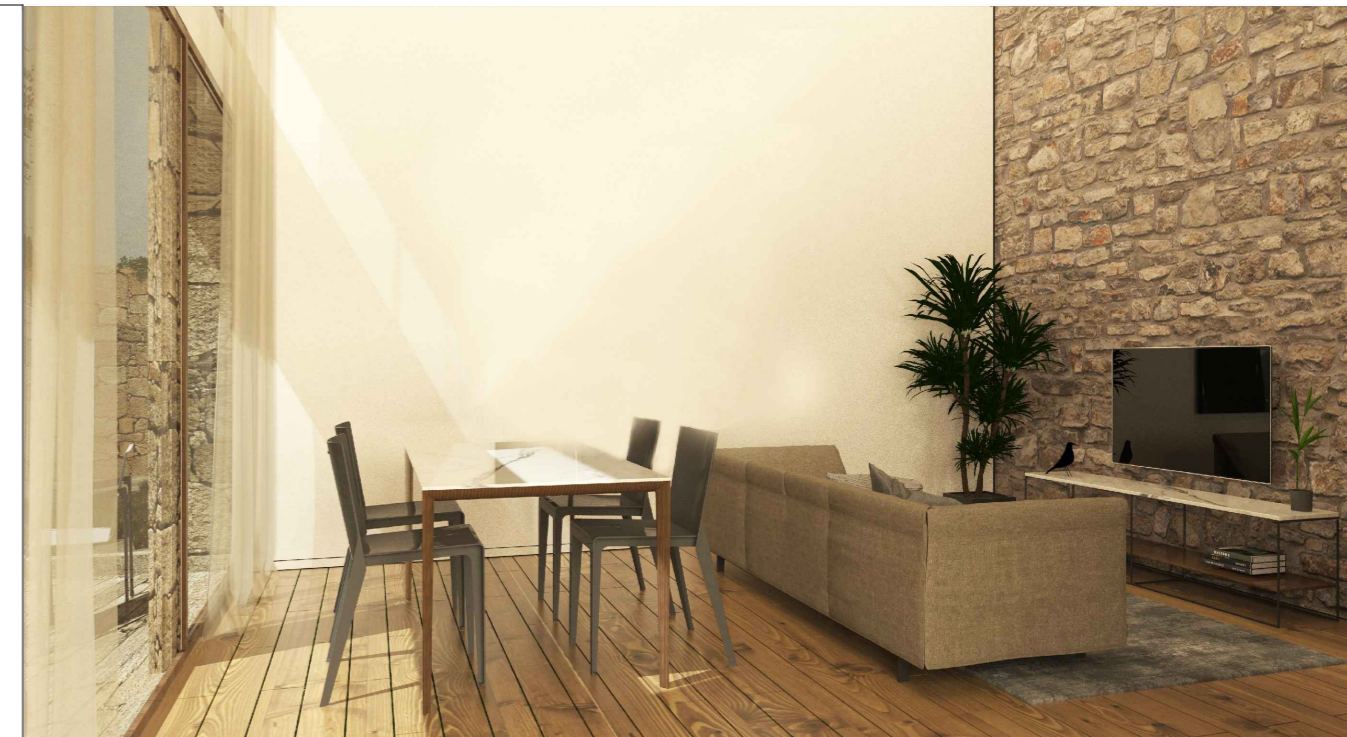
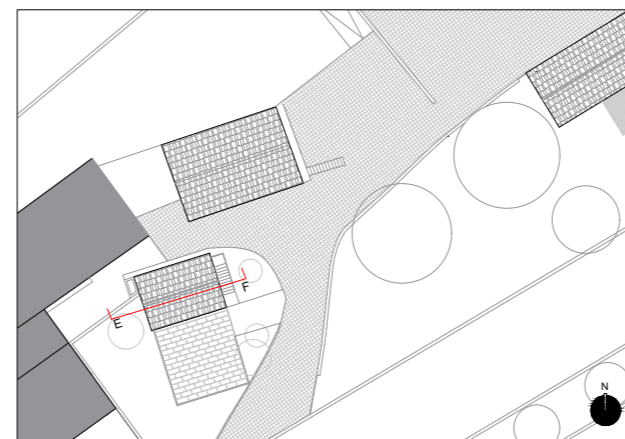
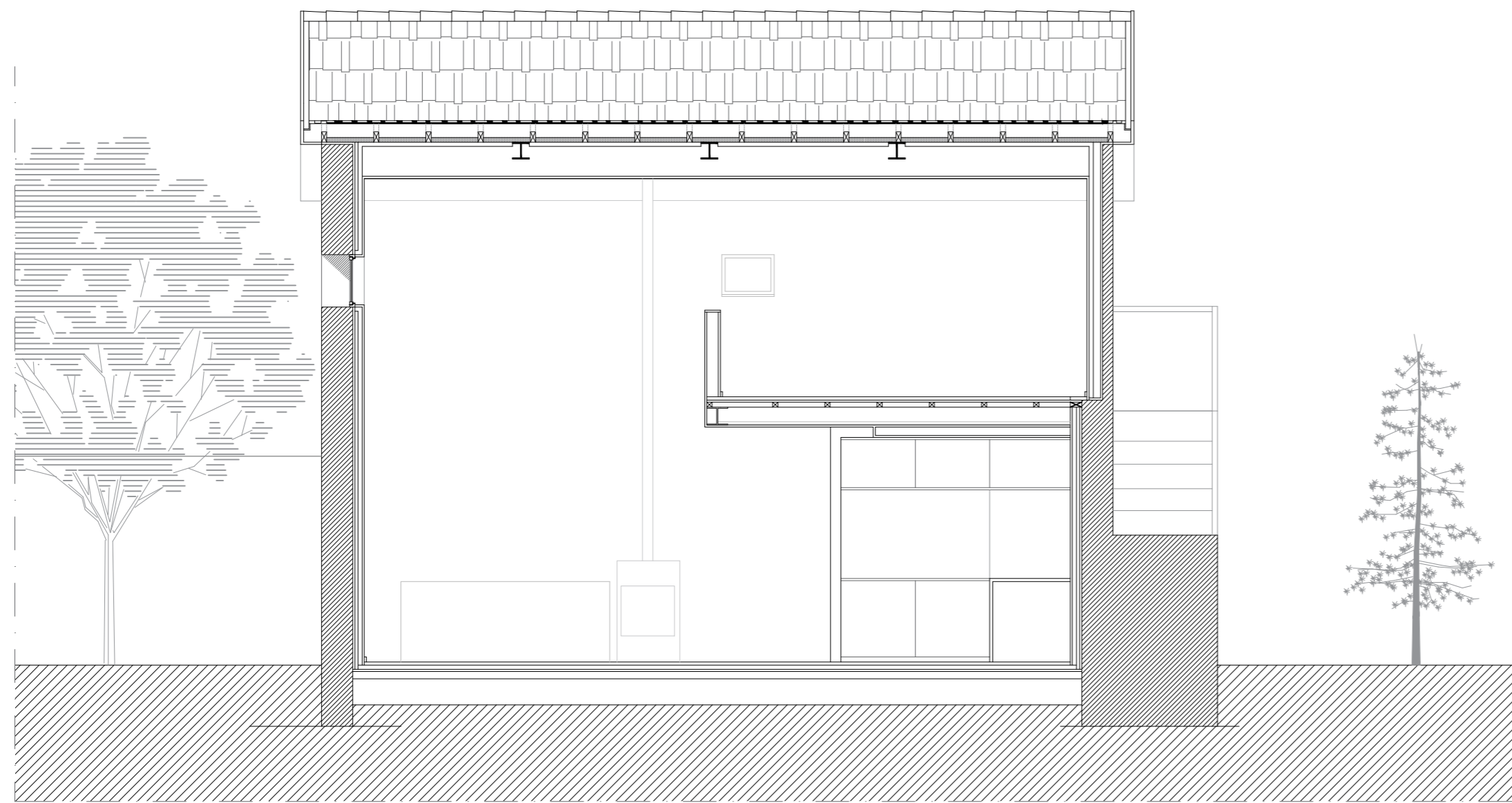


Fig. 67 - Vista interior da zona social a mostrar a porta de entrada



Corte Longitudinal GH

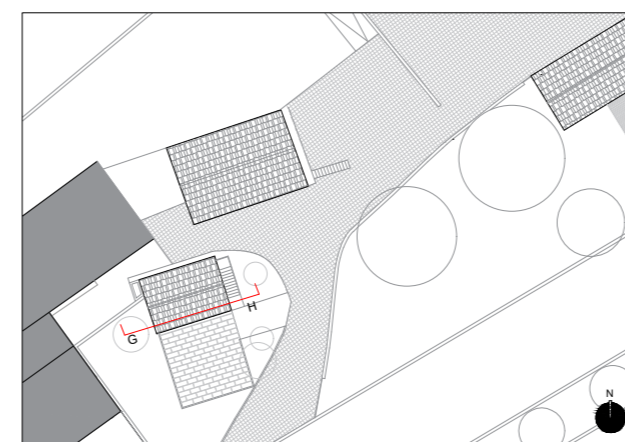
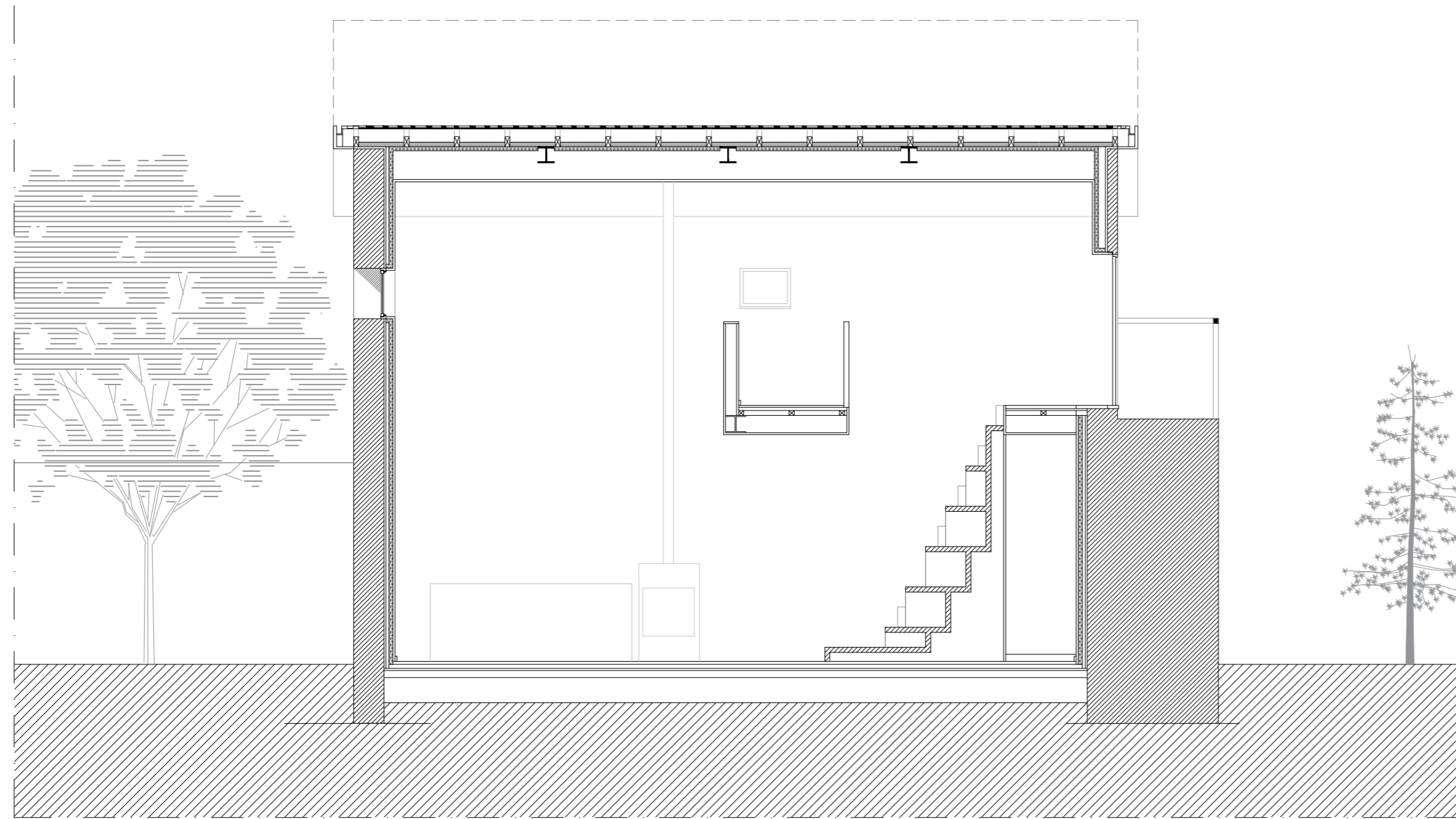


Fig. 68 - Vista interior do quarto



Corte Longitudinal IJ

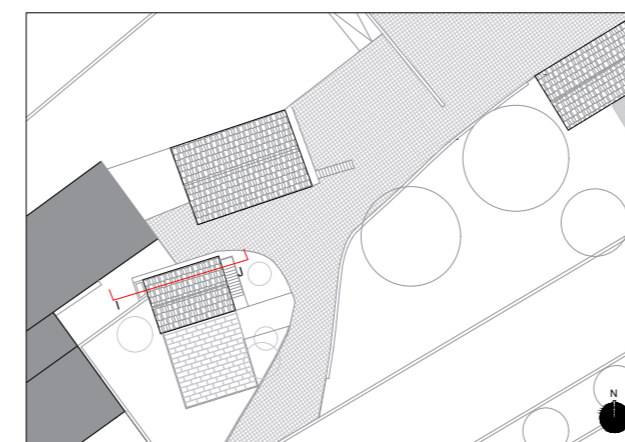
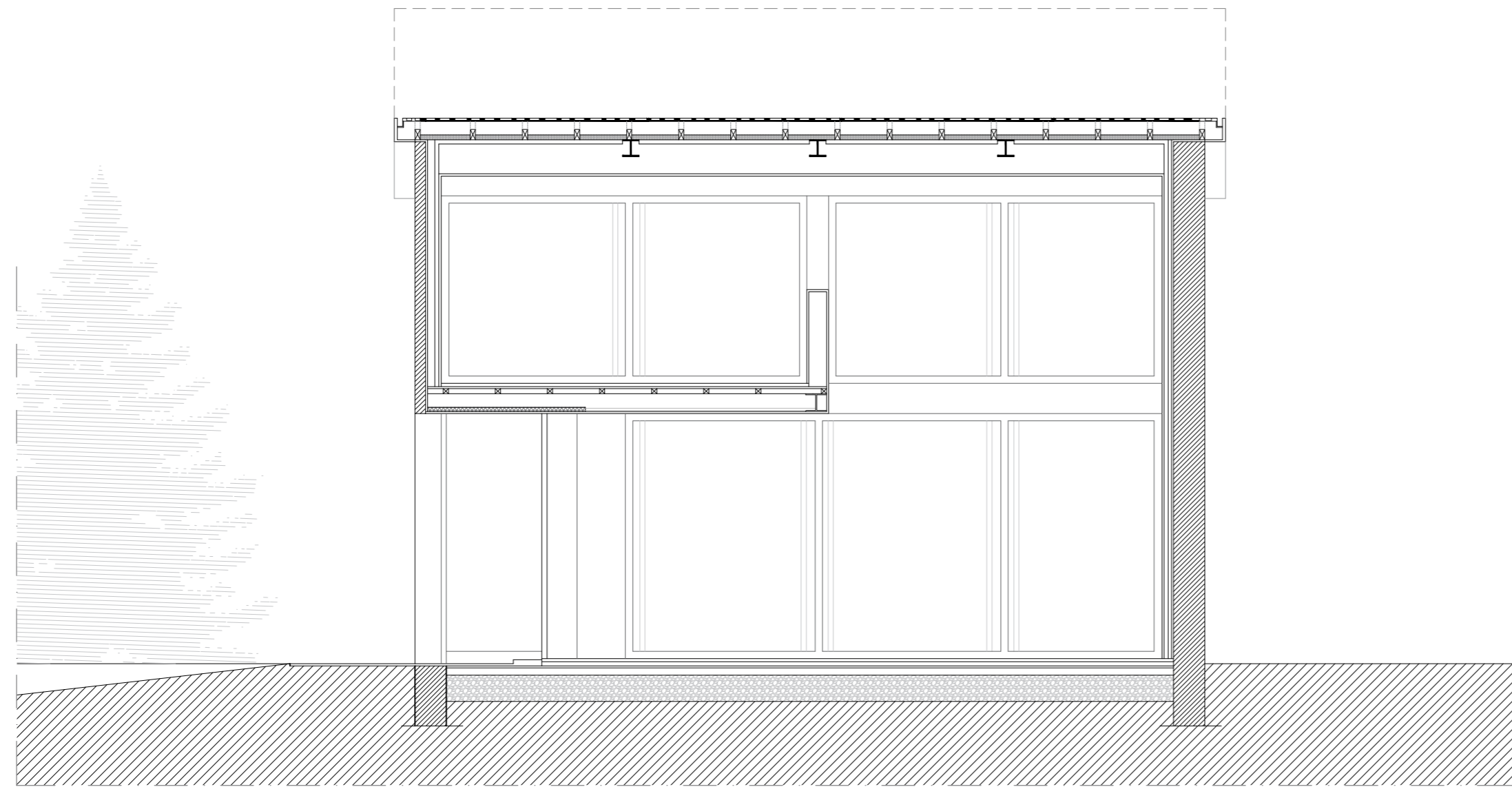


Fig. 69 - Vista interior da zona social



Corte Longitudinal KL

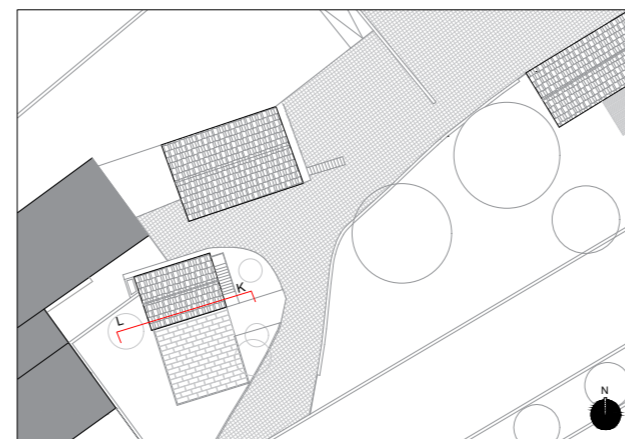
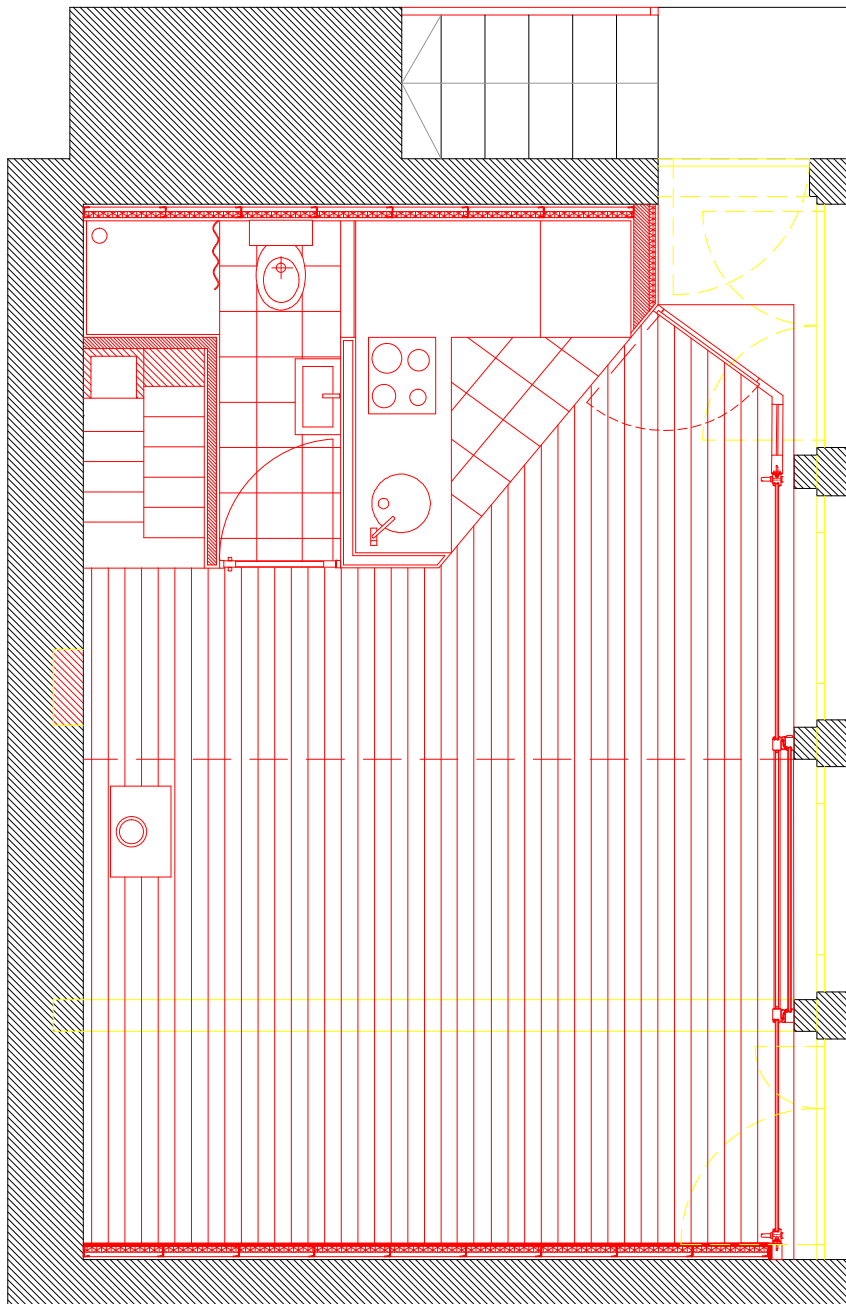


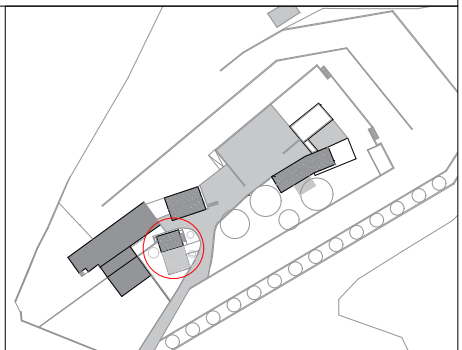
Fig. 70 - Fotografia interior da maquete

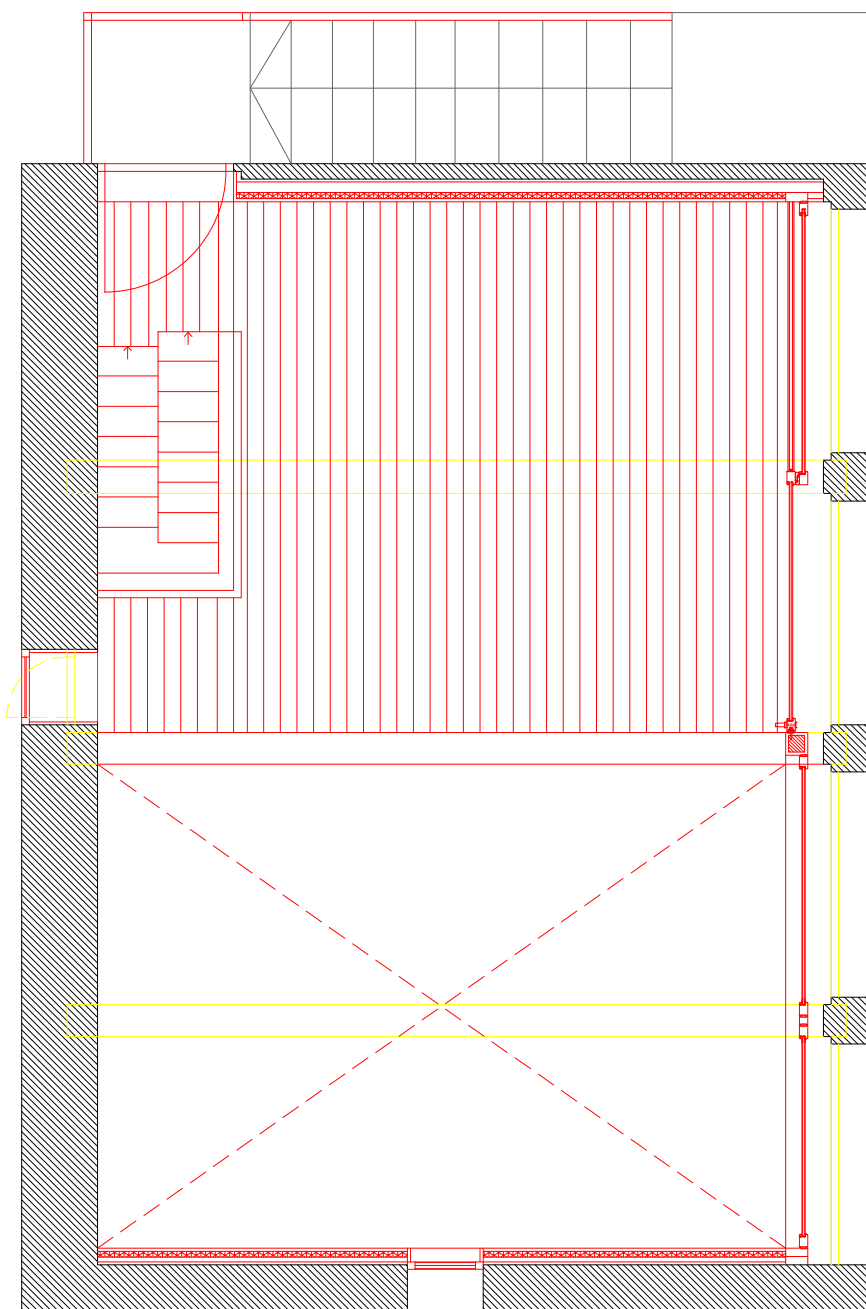


Planta R/Chão

Legenda

- A demolir
- A construir
- Pré-existente

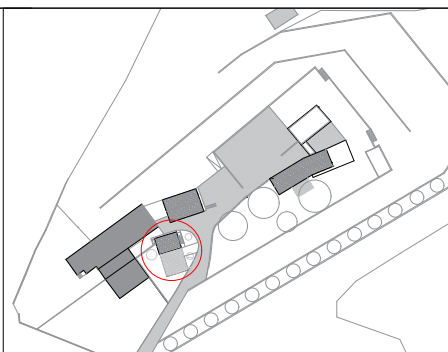




Planta Piso 1

Legenda

- A demolir
- A construir
- Pré-existente



2.4 As casas

No início de um estudo, confrontamo-nos com tensões contraditórias que determinam os objetivos de uma realidade que tem raízes muito profundas, feitas de transformações, sobreposições e recuperações, diante de experiências e informações preliminares próprias ou alheias, diante de modelos, interesses e contatos.²¹

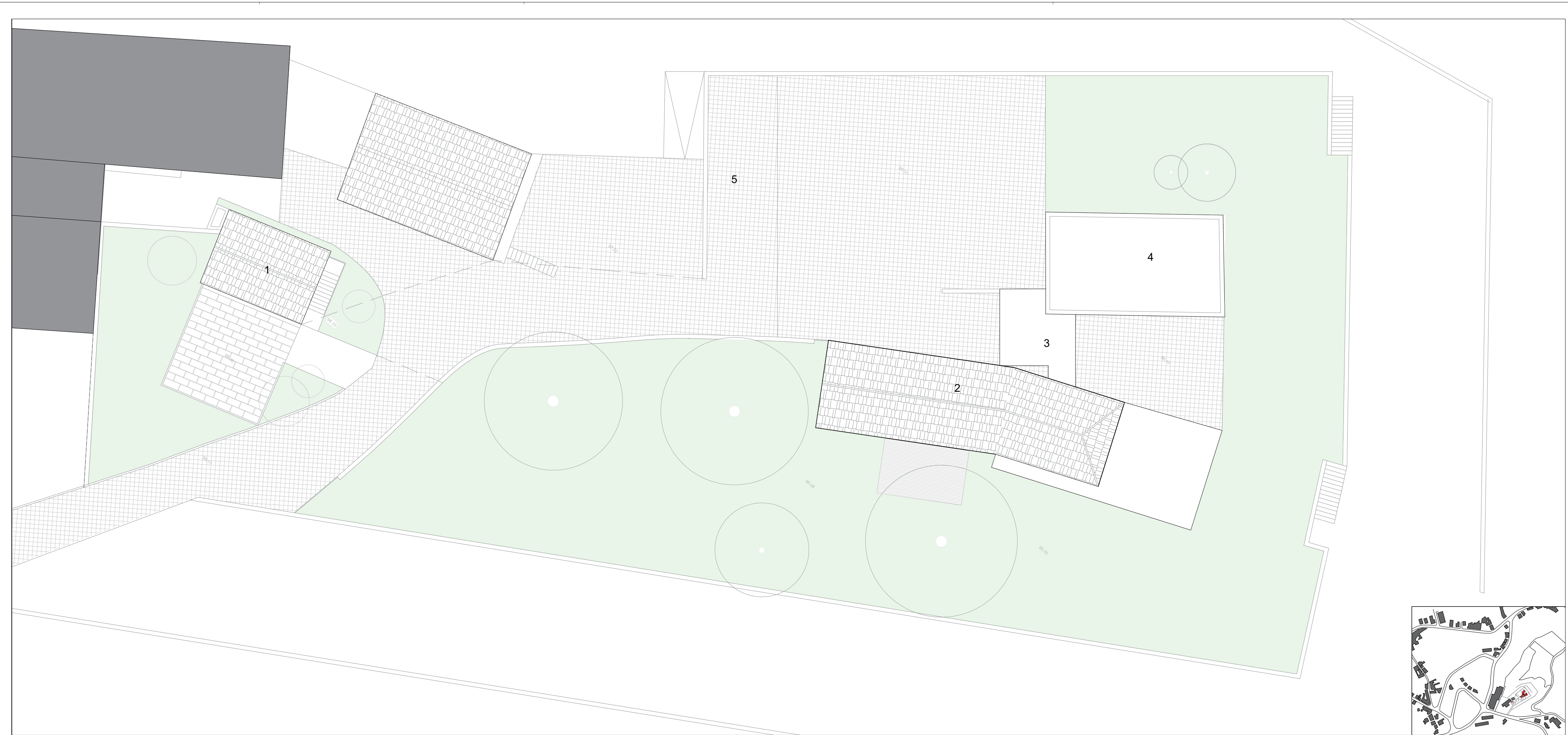
O volume principal que agora observamos, corresponde às duas casas que anteriormente eram autónomas e tinham funções distintas resultantes de diversas fases de construção, subsequentes de realidades e objetivos muito profundos. Esta intervenção que se assume como um programa prévio, procurou salvaguardar e preservar o mais importante das casas, a pedra, a sua implantação, e a relação de frente de rua correspondente à fachada sul da casa dos caseiros e a fachada norte da casa principal.

Aqui, pretendem-se duas casas com programas diferentes, com a existência de um volume que as una, permitindo assim que uma das casas se amplifique e se torne numa só. Este volume, que articula e estabelece ligação, pousa sobre o muro pré-existente de pedra que servia de parede para a antiga adega e assume-se como um alpendre interior elevado do chão, relacionando as zonas íntimas das duas casas, onde podemos parar, estar e observar as vistas que nos oferece a nascente e poente. A casa principal, no piso térreo, é constituída por um escritório, um espaço de arrumos, cozinha, lavandaria, I.S de serviço e zona social. Esta zona social, está associada a todos os espaços da casa, relaciona-se com o pátio comum de ambas as casas, sendo a frente de rua, com o jardim a sul, e com os quartos do piso superior através do pé direito duplo. No exterior, criou-se um alpendre onde é possível desfrutar do jardim e das vistas, quase como expandindo assim a sala para o exterior. O primeiro piso, de área mais reduzida, contem três quartos, sendo um destes suite e uma casa de banho comum para os restantes dois.

²¹ MURO, Carles - Álvaro Siza: Escritos. 1ª ed. Barcelona: U.P.C., 1994 p. 12.

Na casa dos caseiros, manteve-se a sua estrutura original em pedra. Todas as construções anexas em bloco de cimento foram excluídas, preservando apenas a alvenaria em granito, fazendo assim com que a sua área seja menor. No rés-do-chão, com a entrada pela fachada a poente, encontramos a cozinha, I.S e a sala que embora tenha uma menor dimensão, possibilita as vistas a nascente e sul tal como na casa principal. No primeiro piso temos dois quartos sendo um suite e um espaço reduzido para arrumos.

Prevê-se também no exterior a criação de uma zona de estacionamento coberta comum para toda a Quinta do Outeirinho.



1- Casa de Repouso 2- Casa Principal 3- Ligação entre casas 4- Casa dos Caseiros 5- Zona de estacionamento coberta

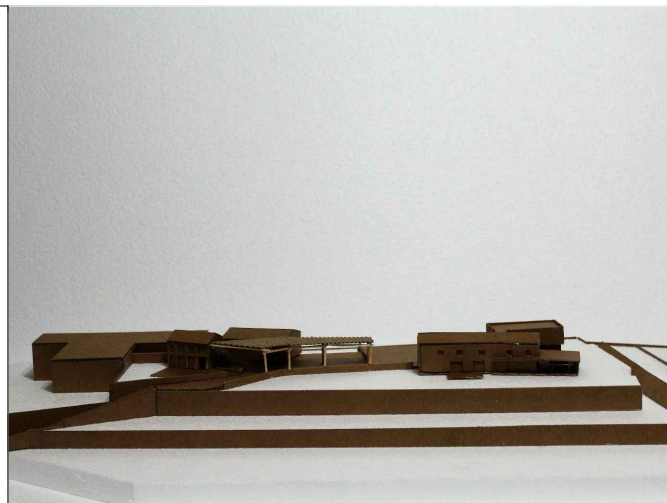


Fig. 71 - Fotografia da maquete vista sul

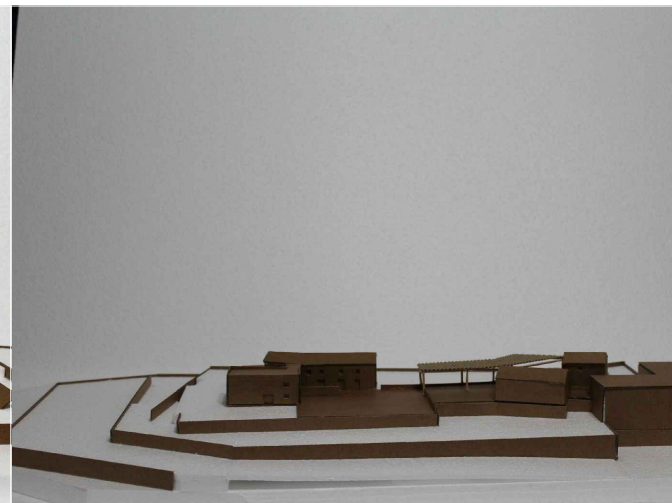


Fig. 72 - Fotografia geral da maquete

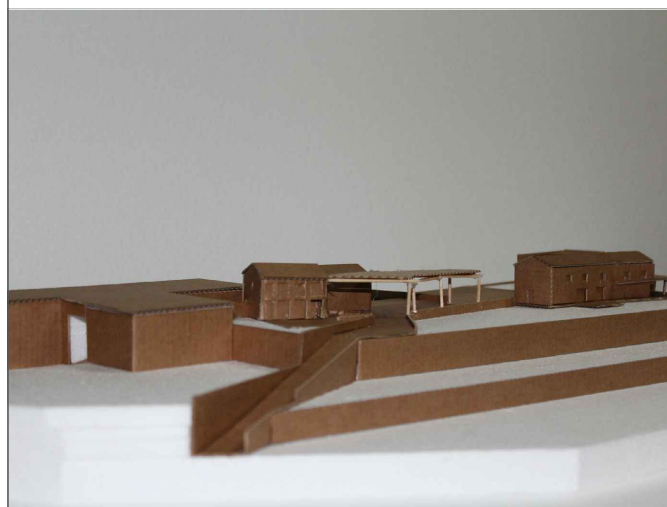


Fig. 73 - Fotografia da maquete a evidenciar o sequeiro

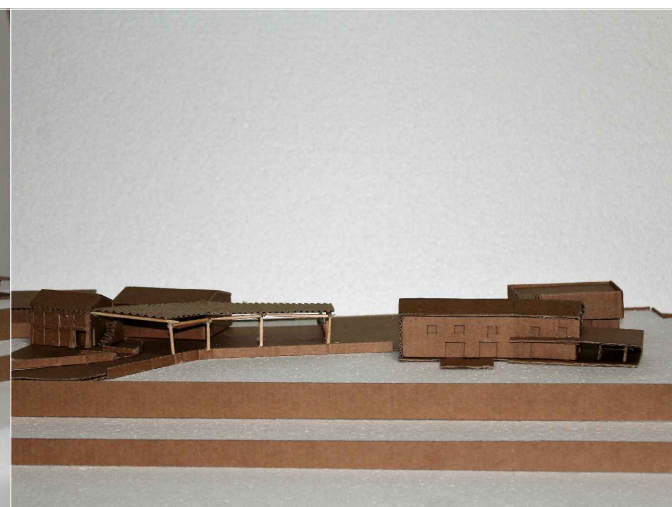
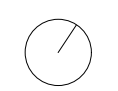


Fig. 74 - Foto maquete vista Norte



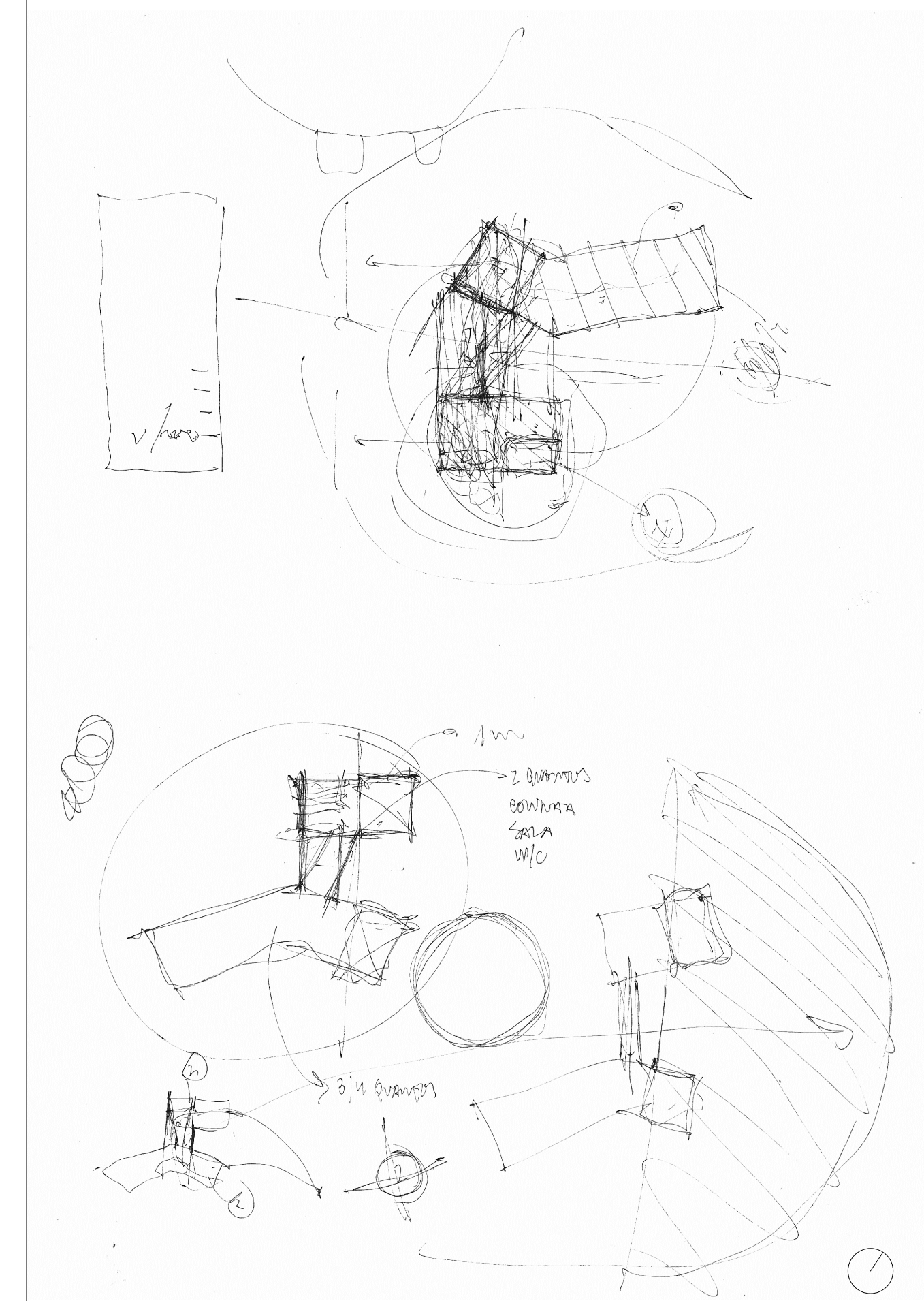


Fig. 75 - Esquissos de estudo da proposta

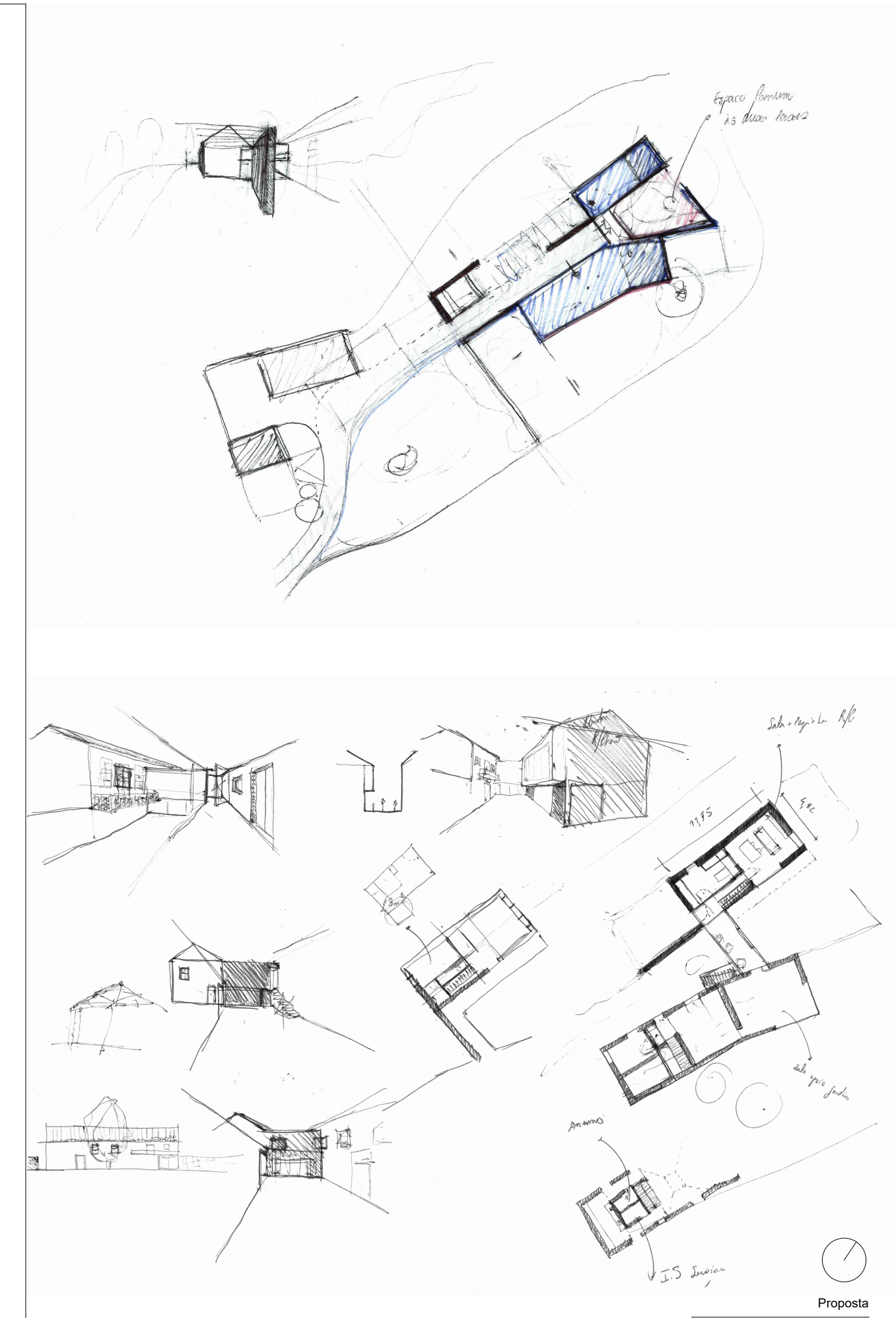
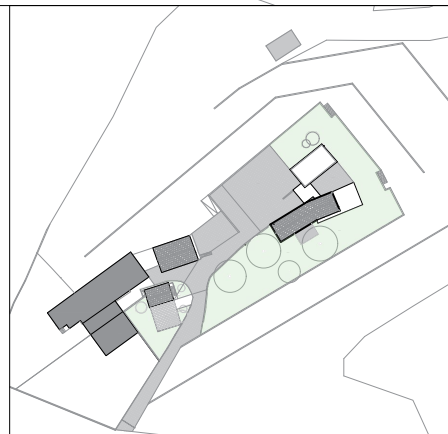


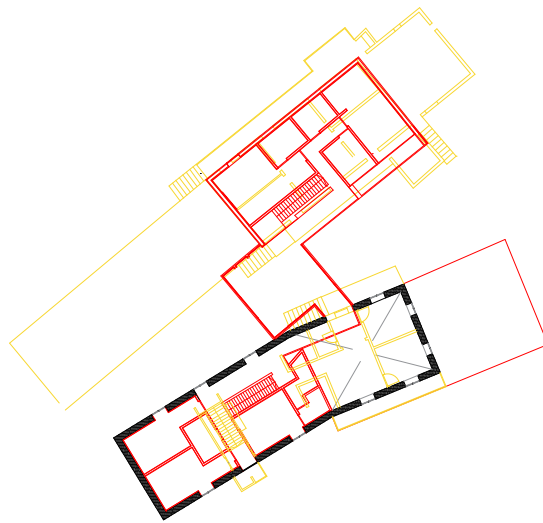
Fig. 76 - Esquissos de estudo da proposta






Legenda

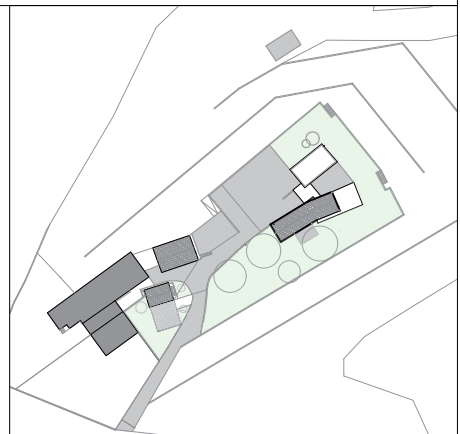
- A demolir
- A construir
- Pré-existente





Legenda

-  A demolir
-  A construir
-  Pré-existente



2.5 Reflexão Projetual

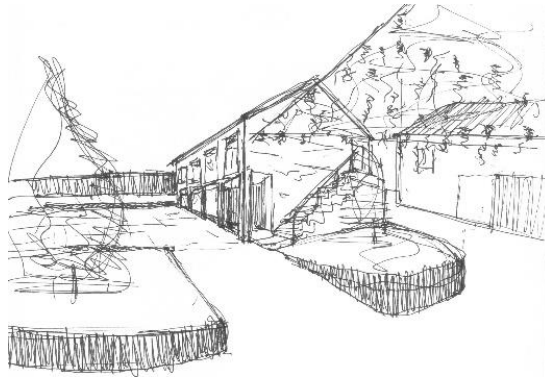


Fig. 77

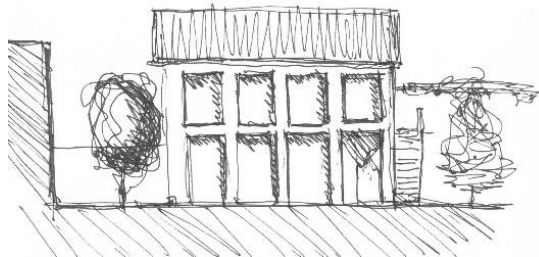


Fig. 78

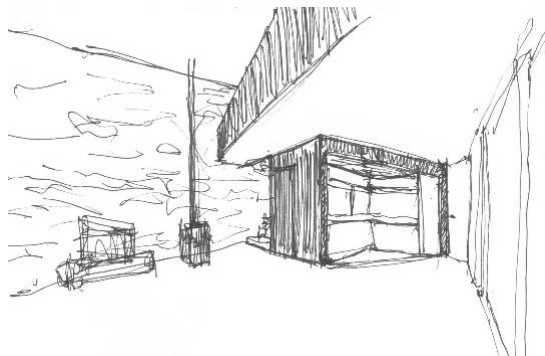


Fig. 79

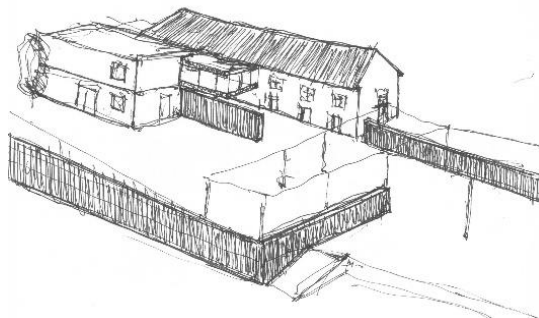


Fig. 80

Fig. 77. Perspetiva da casa de repouso na zona de entrada; **Fig. 78-** Desenho do alçado sul; **Fig. 79** – Perspetiva interior da casa de repouso; **Fig. 80-** Perspetiva do conjunto de casas.

Esta reflexão surge como uma síntese projetual, no intuito de explicar as intenções e opções adotadas. No primeiro contato com o sequeiro, notamos que se tratava de uma construção com qualidades que potenciavam a proposta a uma recuperação. Esta construção, assenta sobre uma boa implantação e inserção no terreno, composta por uma alvenaria de granito cuja sua textura marca uma construção entre bloco de granito na fachada sul constituindo o pórtico e nas restantes, a pedra é menor e sobreposta de tamanho não regular, dando às fachadas uma identidade própria. A organização espacial interior refletia as necessidades que noutros tempos caracterizavam o sequeiro, um espaço amplo que se alongava para a eira no piso térreo e no 1º piso, acedendo-se pela escada exterior encontrávamos também um amplo espaço com a função de reservar a colheita dos cereais. Surge, desta forma, o incentivo para a realização da proposta de recuperação arquitetónica.

A proposta está dividida em dois momentos fundamentais para a compreensão do projeto: a ruína preexistente que vai ser a face de todo o espaço exterior e a relação entre a nova estrutura inserida.

A introdução das novas funções ou, até, das novas necessidades ambientais ou de conforto, retiram ao objecto em vias de “passar à eternidade” de qualquer neutralidade abstracta e colocam a contemporaneidade como tema paralelo e obrigatório. A actualização da pré-existência vai cruzar contradições no método projectual e obrigar à heterodoxia.²²

Com este projeto, pretende-se então, preservar o património arquitetónico, de forma a adaptá-lo a um novo uso e que se assuma como um espaço caracterizado pelo bem estar e conforto que os dias de hoje exigem, sendo claro que, a união entre o “novo” e o “velho” deve ser respeitada, de forma a não comprometer as diferentes épocas e costumes.

²² ALVES COSTA, Alexandre - “Cumplicidades” Jornal dos Arquitectos, 213, 2003, p. 42.



Fig. 81

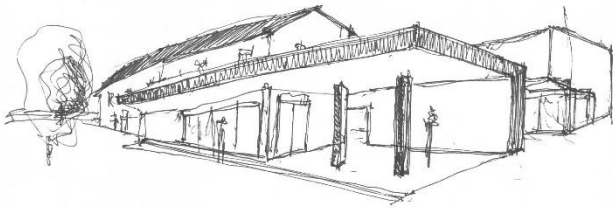


Fig. 82

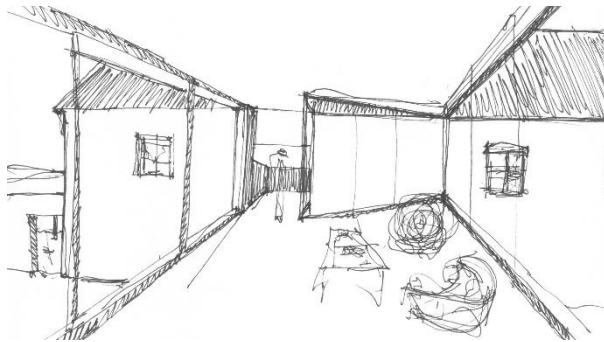


Fig. 83

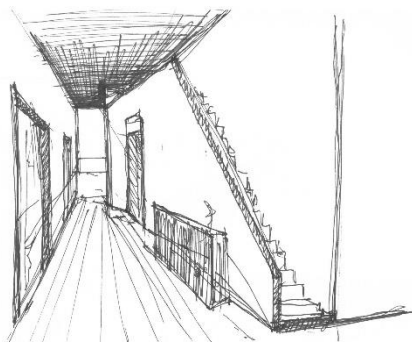


Fig. 84

Fig. 81. Perspetiva da proposta para as casas na zona de entrada; **Fig. 82-** Perspetiva da casa principal na zona do jardim; **Fig. 83** – Perspetiva interior na ligação das casas (alpendre interior); **Fig. 84-** Perspetiva da entrada, casa principal

Esta nova identidade do Sequeiro, na relação de diferentes tempos, representa assim uma temporaneidade entre materiais, reforçando a ideia de cuidado com a ruína.

De uma forma geral, a circunstância, temática e contexto objetivam o desenvolvimento projetual e vão ser os fatores de orientação da intervenção relacionando a teoria com a prática. Neste projeto, pretende-se então o equilíbrio de todo o processo que se desenrolou entre os desejos do cliente (programa preliminar) e as exigências da atualidade.

Como resposta à encomenda, o restante conjunto edificado, assenta num processo não concluído, no que concerne ao ajuste do programa e organização espacial interior. O principal objetivo será manter a alvenaria de pedra no exterior e a ligação interior das duas casas (desejo do cliente). Muitas vezes, o processo é intuitivo, neste sentido, o foco principal para o conjunto edificado foi perceber a organização espacial da preexistência e a inserção do novo programa, daí o processo não estar concluído, dando pistas para uma abordagem futura que responda não só à encomenda, mas também a um ato projetual bem consolidado.

Síntese Cronológica do desenvolvimento do processo

Tal como em muitos projetos, o sequeiro/casa de repouso, desenvolveu-se de forma não linear, desencadeando assim, um conjunto de propostas que reclamam vários momentos de reflexão e interpretação do programa, no que concerne às questões, “o que é?” e “o que quer ser?”. Desta forma, são várias as fases, dividindo-se em oito momentos.

1º Momento: O primeiro contato com o projeto, surge numa conversa com o cliente, onde as exigências assumem o foco principal, em busca de um sentido crítico ao espaço. Aqui, surge o desejo de incluir pé direito duplo na zona de estar.

2º Momento: Neste momento, realiza-se um reconhecimento do programa e surge um espaço influenciado por obras de referência, tendo como principal objetivo a inserção da instalação sanitária no primeiro piso para dar apoio ao quarto e a consolidação de uma zona de estar de maior amplitude.

3º Momento: Com a inclusão na proposta anterior de uma escada, convencional, surge a dificuldade de inserir todo o programa no objeto, originando assim, a intenção de colocar o móvel da cozinha por debaixo das escadas para uma maior extensão do piso térreo.

4º Momento: Até este momento, e surgindo algumas incertezas, o projeto desenrolou-se sempre em torno de como poderíamos aceder ao primeiro piso, no entanto, o espaço é pequeno para que seja possível conter uma escada de um só lanço.

5º Momento: Nesta fase, surge então a ideia de incluir uma escada em caracol para aproveitamento do espaço e para que seja possível estabelecer a relação interior entre os dois pisos, organizando o acesso vertical, a cozinha e a instalação sanitária num só plano com o objetivo de alargar e expandir a zona de estar.

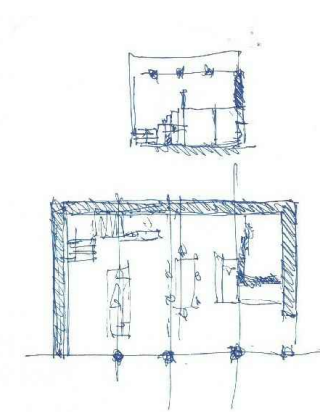
6º Momento: Retornando à ideia anterior do primeiro momento, em relacionar os pisos do sequeiro através do pé direito duplo, a configuração do piso térreo altera a sua organização, passando assim a conter um corpo que organiza a instalação sanitária e a cozinha. O primeiro piso, destina-se apenas ao quarto.

7º Momento: Com a escada em caracol inserida no momento anterior, perdíamos a ligação com o acesso vertical preexistente no exterior, originando assim um desequilíbrio evasivo entre o “novo” e o “velho”.

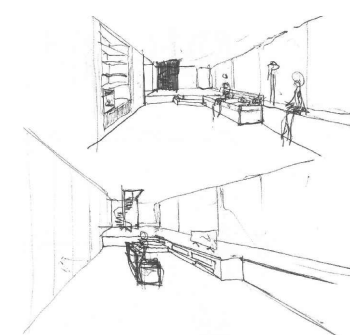
8º Momento: Como projeto final, assume-se em definitivo a ideia de organizar a cozinha, o acesso vertical e a instalação sanitária encostado num só volume. Esta escada permite também pequenos arrumos no interior dos degraus, potenciando uma melhor organização interior que se reflete na consolidação de todo este volume. A zona de estar, comunica com o quarto através do pé direito duplo, proporcionando assim, um espaço amplo e caracterizado peças diferentes épocas inerentes.

Podemos ver que o processo não foi contínuo na sua forma, por vezes, temos de repensar na primeira proposta, sendo ela a mais intuitiva, mas que despertou já uma certa organização e relação entre os dois pisos que posteriormente se refletiu na proposta final. Por fim, este processo pondera uma viagem sobre o objeto que cuida o programa do cliente e as opções mais adequadas para o projeto de recuperação.

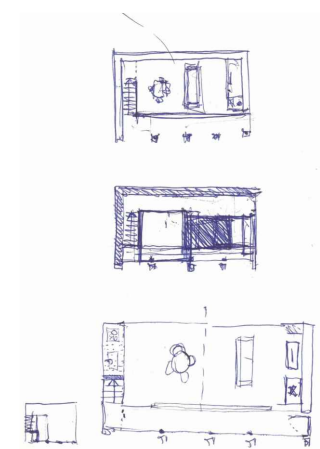
1º Momento



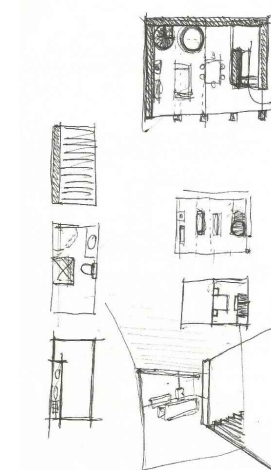
2º Momento



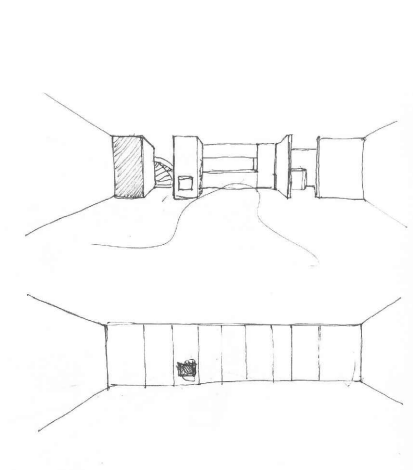
3º Momento



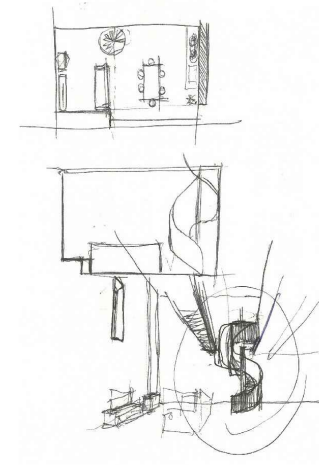
4º Momento



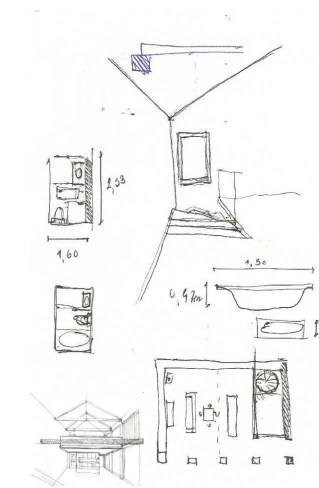
5º Momento



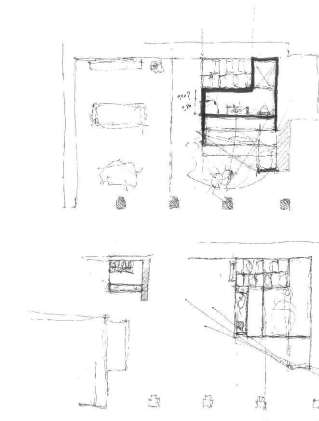
6º Momento



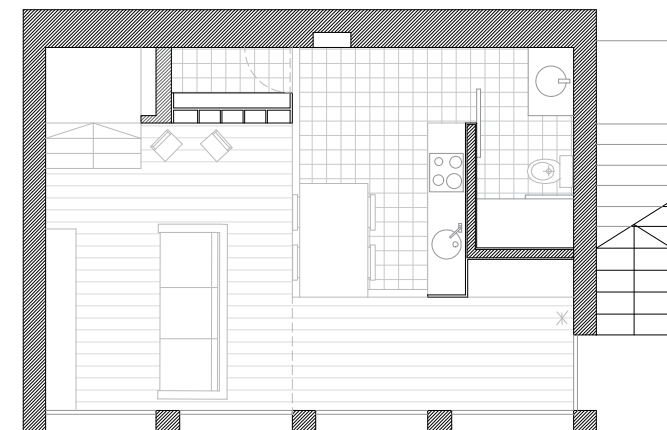
7º Momento



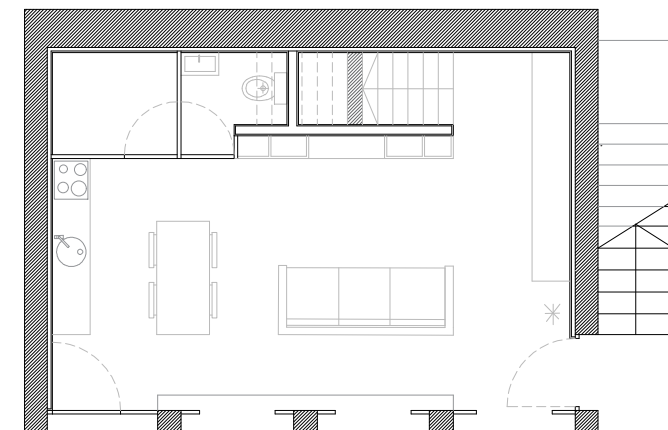
8º Momento



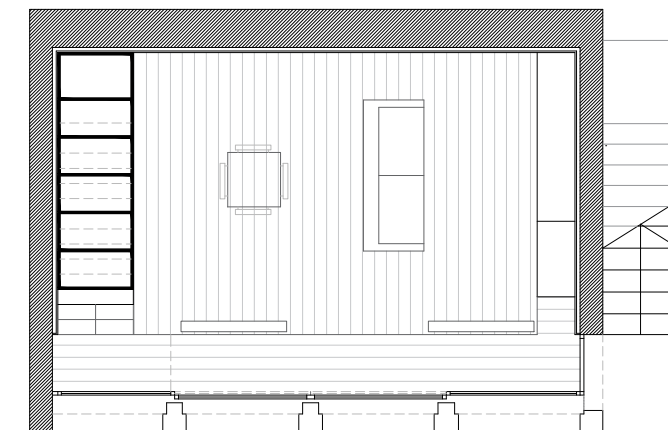
R/Chão



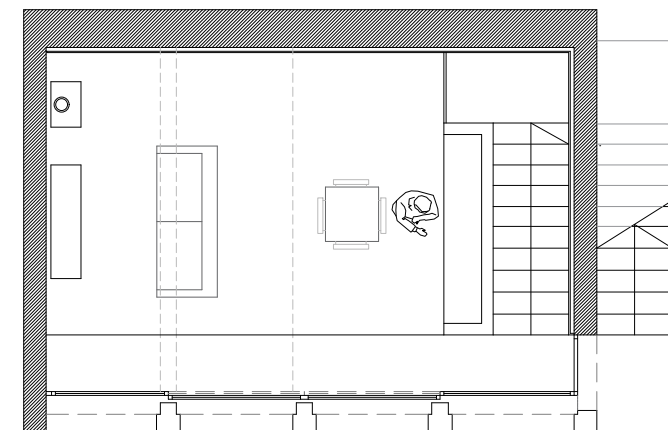
R/Chão



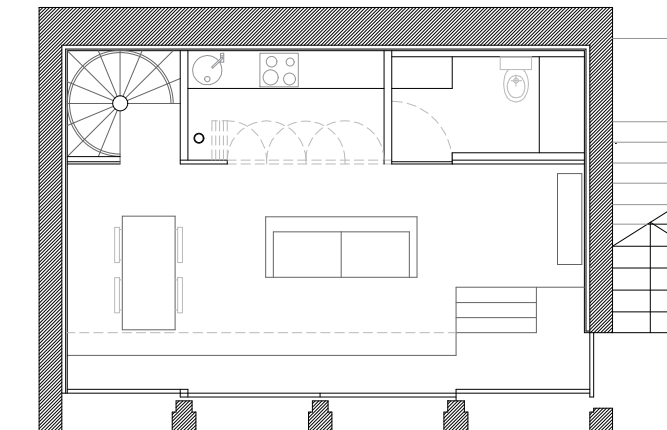
R/Chão



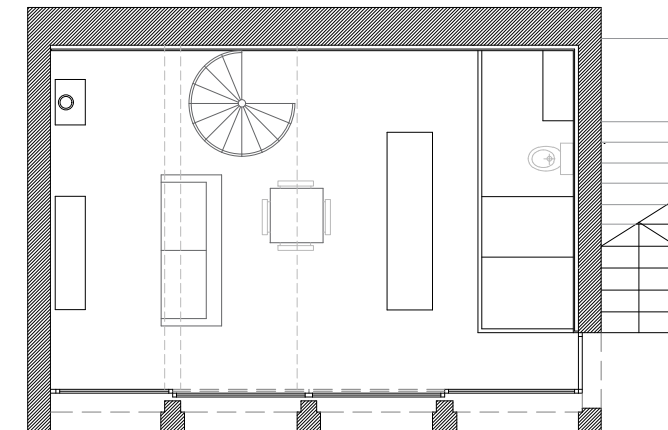
R/Chão



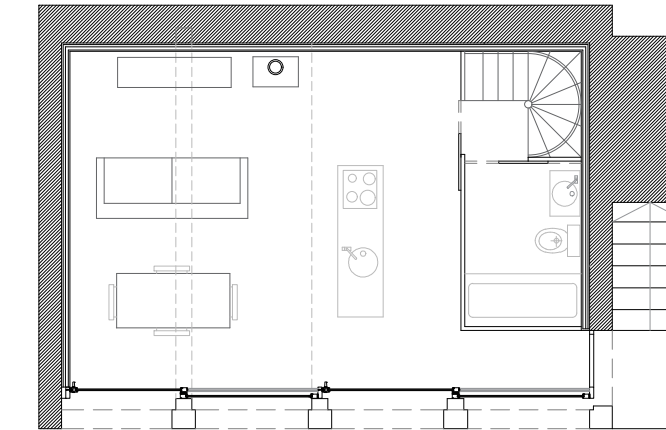
R/Chão



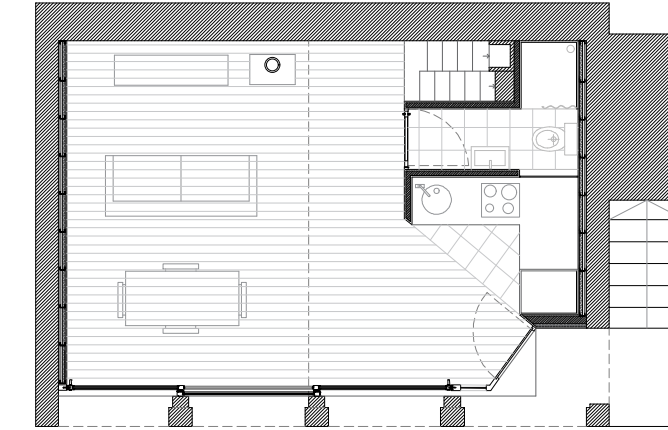
R/Chão



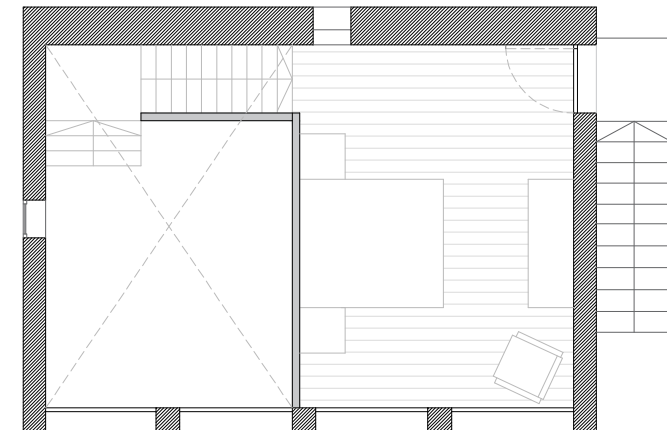
R/Chão



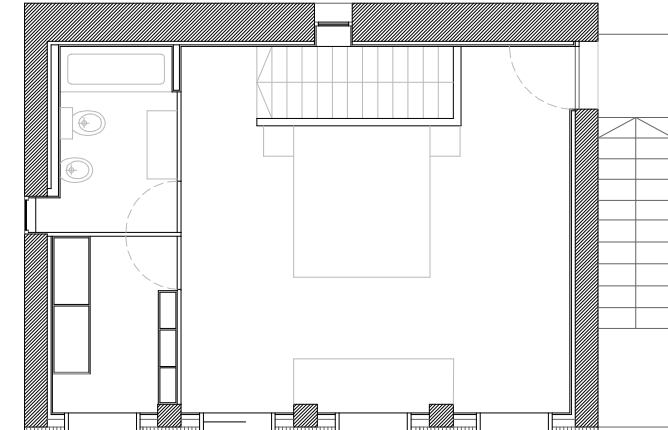
R/Chão



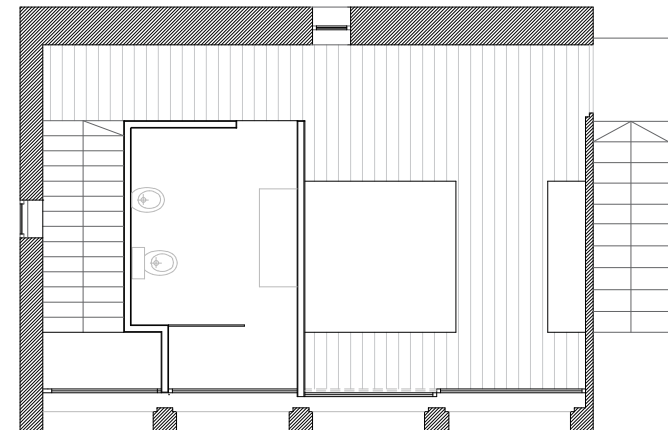
1º Piso



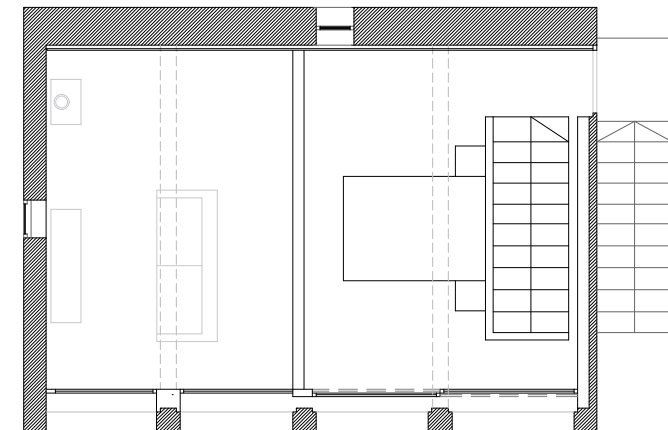
1º Piso



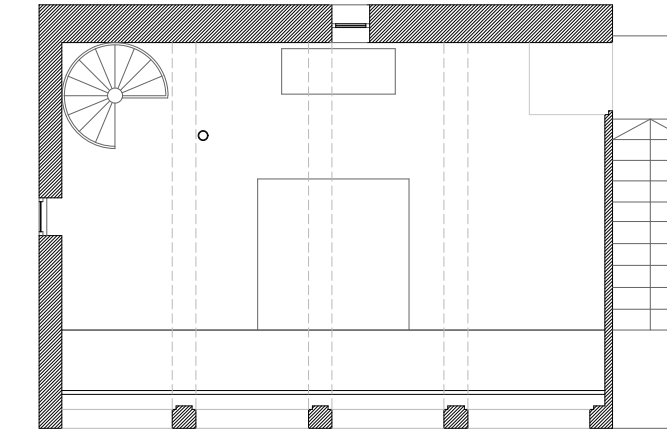
1º Piso



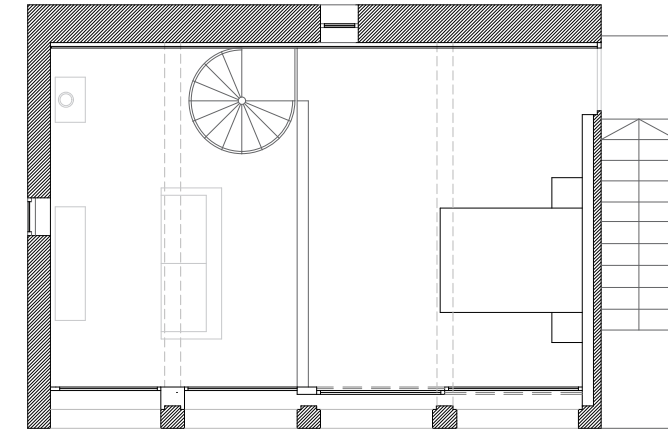
1º Piso



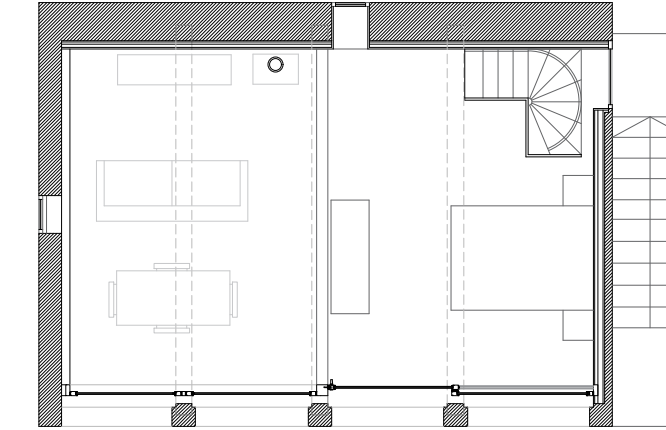
1º Piso



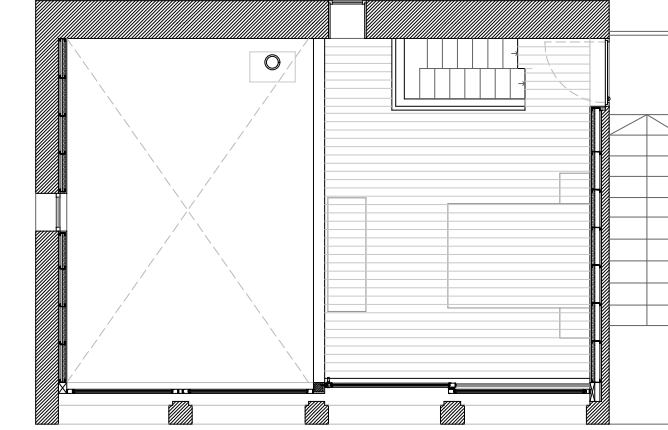
1º Piso



1º Piso



1º Piso



Esc: 1.100



Esc: 1.100



Esc: 1.100



Esc: 1.100



Esc: 1.100



Esc: 1.100



Esc: 1.100



Esc: 1.100



Considerações Finais

*Para além da curva da estrada
Talvez haja um poço, e talvez um castelo,
E talvez apenas a continuação da estrada.
Não sei nem pergunto.
Enquanto vou na estrada antes da curva
Só olho para a estrada antes da curva,
Porque não posso ver senão a estrada antes da curva.
De nada me serviria estar olhando para outro lado
E para aquilo que não vejo.
Importemo-nos apenas com o lugar onde estamos.
Há beleza bastante em estar aqui e não noutra parte
qualquer.
Se há alguém para além da curva da estrada,
Esses que se preocupem com o que há para além da curva
da estrada.
Essa é que é a estrada para eles.
Se nós tivermos que chegar lá, quando lá chegarmos
sabermos.
Por ora só sabemos que lá não estamos.
Aqui há só a estrada antes da curva, e antes da curva
Há a estrada sem curva nenhuma.*

Alberto Caeiro, in "Poemas Inconjuntos"

Heterónimo de Fernando Pessoa

A presente dissertação procurou realizar uma proposta de intervenção arquitetónica a uma velocidade superior no sequeiro/casa de repouso, onde se aprofundou ao pormenor a possível proposta para a pré-existência. Na realização deste projeto, fez-se previamente uma reflexão teórica que ajudou na base conceptual do objeto onde transparece-se a união entre o passado e o presente. E a uma velocidade menor no conjunto edificado, fazendo uma aproximação a uma proposta, em resposta a um programa, de forma a dar pistas para uma ação futura onde conduza uma recuperação que possibilite também a relação entre o passado o presente e o futuro.

Na intervenção realizada na Quinta do Outeirinho, trabalhou-se com uma base real entre cliente e programa, permitindo assim uma aproximação a certas condicionantes e desafios que o requerente potenciou.

A realização desta proposta, permitiu o conhecimento da problemática na área de intervenção numa pré-existência e preservar o que nela consideramos potência para evidenciar a própria identidade do edifício, através de integração de novos elementos. Em termos metodológicos, há uma maior exigência em trabalhar neste tipo de objetos, não só por não se tratar de um projeto feito de raiz, mas também, pela importância de conhecimento que temos de adquirir dos sistemas construtivos para que o resultado seja bem conseguido.

Contudo, como já foi dito, esta dissertação visou trabalhar mais pormenorizadamente o sequeiro, projeto que resultou na “Casa de Repouso” e apresenta-se como “fio condutor” de toda a quinta, conjugando o diálogo de diferentes épocas e materiais, o que faz com que seja complexo, na medida em que o “novo” tem que fazer parte da composição sem deteriorar o “velho”. Este tipo de abordagem a um projeto torna-se estimulante criando no objeto arquitetónico o diálogo de diferentes séculos.

O processo de conceção desta dissertação conduziu-se em três momentos distintos:

1º Momento: A primeira abordagem que se dá ao trabalho, surge a partir de uma contextualização histórica deste tipo de edifícios, mas ainda não comprometida a ideia de construir algo de raiz. Após uma análise à Quinta, nota-se, que seria interessante, a partir das características das pré-existências, o trabalho surgir de uma reabilitação onde tal dicotomia entre o passado e o presente, o novo e o velho, estivesse evidenciado.

2º Momento: Este momento, resume-se ao levantamento, onde analisamos os edifícios pré-existentes e a sua envolvente, vemos as suas potencialidades e patologias, fazemos um levantamento fotográfico, para começarem a surgir os primeiros contatos com o papel e, a partir daqui traçar uma estratégia projetual que reúna todas as condições necessárias para iniciar o processo de desenvolvimento da parte prática. Aqui, a busca de referências é necessária

para despertar certas análises que até então ainda não tinham sido postas em causa.

3º Momento: Através da realização de toda a análise, levantamento, processo de evolução do projeto, este momento surge como representação da proposta prática adotada para a Quinta do Outeirinho, com o projeto da Casa de Repouso consolidado e por fim, deixando em aberto a hipótese projetual das restantes casas, resultando assim num processo longo e demorado, mas que nem sempre é contínuo e se calhar, à que retomar a viagem.

Fontes Bibliográficas

- AGUIAR, José – Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do património.
- COSTA, Alexandre Alves; “Património entre a aposta arriscada e a confiança nascida da intimidade”, À la recherche du temps perdu, Jornal dos Arquitectos, 213, p. 7-13., 2003
- APP - “Arquitectura Popular em Portugal” 2ª edição. Lisboa: Associação de Arquitectos Portugueses, 1980.
- CIANCHETTA Alessandra / MOLTENI Enrico. Álvaro Siza. Casas Privadas 1954-2004. Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2004.
- MURO, Carles - Álvaro **Siza**: Escritos. 1ª ed. Barcelona: U.P.C., 1994
- PALLASMAA, Juhani – Habitar. Barcelona. Editorial Gustavo Gili, 2017
- RIBEIRO, Orlando – Geografia e Civilização, 1961.
- TÁVORA, Fernando - Porto 1990. In Luiz Trigueiros (1993) Fernando Távora, Editorial Blau
- VIEIRA, Álvaro Siza – 01 textos. Porto, Civilização ed, 2009.
- ZUMTHOR, Peter. Pensar a Arquitetura. Barcelona: GG, 2009

Créditos Fotográficos

Fig. 1- Fotografia dos meus bisavós a assinarem o livro de casamento da Maria Carolina, minha avó, 1963, autor desconhecido;

Fig. 2- Fotografia da Tia Arminda. 1970, autor desconhecido;

Fig. 3- Fotografia da Bisavó Maria, 1970, autor desconhecido;

Fig. 4- Fotografia do meu avô Artur com o Sequeiro ao fundo, 26 de agosto de 1961, autor desconhecido;

Fig. 5- Fotografia da minha bisavó, o meu tio Adriano e a minha avó junto ao Sequeiro ao fundo, 1961, autor desconhecido;

Fig. 6- Fotografia da minha avó e meu avô junto ao Sequeiro ao fundo, 26 de agosto 1961, autor desconhecido;

Fig. 7- Fotografia da minha avó junto ao Sequeiro ao fundo, 26 de agosto 1961, autor desconhecido;

Fig. 8- Fotografia dos meus tetravós, 1958, autor desconhecido;

Fig. 9- Fotografia dos meus bisavós, 1954, autor desconhecido;

Fig. 10- John Ruskin, *The Casa d'oro*, Veneza, 1845.

<https://www.wikiart.org/en/john-ruskin/the-casa-d-oro-venice-1845>

Fig. 11- Desenho de Viollet-le-Duc, Coro e altar mor de Notre Dame na Idade Média.

<https://catedraismedievais.blogspot.com/2013/09/notre-dame-triunfa-em-paris-por-cima-de.html>

Fig. 12- Fotografia no alpendre no piso térreo.

https://www.google.pt/search?q=casa+de+ferias+em+briteiros+tavora&rlz=1C1CHBD_pt-PTPT806PT806&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjMi-LChsrdAhVOURoKHc-2C-QQ_AUICygC&biw=1920&bih=969#imgdii=c-F0eP6Lni1mPM:&imgcr=JXD5t_MWC18ljM:

Fig. 13- Vista sobre a Casa da Cavado a norte;

<https://revisitavora.wordpress.com/casa-de-ferias-em-briteiros-1989-1990/>

Fig. 14- Casa que dá apoio à piscina.

https://www.google.pt/search?q=quinta+da+cavada+briteiros&rlz=1C1CHBD_pt-PTPT806PT806&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiP4oSFvsndAhWtyYUKHSOWBasQ_AUICygC&biw=1920&bih=969#imgcr=h9JRiGkxSkP0KM:

Fig. 15- Fotografia da entrada do volume existente com o espaço de estar exterior.

https://www.google.pt/search?q=casa+alcino+cardoso&rlz=1C1CHBD_pt-PTPT806P0T806&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiqmcnhk8jdAhVI3RoKHZGLBosQ_AUICigB&biw=1920&bih=920#imgdii=S9RG0I9Z-CJ7fM:&imgcr=IDU2vqB1GkYZuM:

Fig. 16- Fotografia do terraço exterior do novo volume;

https://www.google.pt/search?q=casa+alcino+cardoso&rlz=1C1CHBD_pt-PTPT806PT806&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiqmcnkh8jdAhVI3RoKHZGLBosQ_AUICigB&biw=1920&bih=920#imgrc=IDU2vqB1GkYZuM:

Fig. 17- Fotografia do conjunto das pré-existênciasL

https://www.google.pt/search?q=casa+alcino+cardoso&rlz=1C1CHBD_pt-PTPT806PT806&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiqmcnkh8jdAhVI3RoKHZGLBosQ_AUICigB&biw=1920&bih=920#imgdii=LvjgHBedzWMVGM:&imgrc=IDU2vqB1GkYZuM:

Fig. 18- Fotografia que mostra a ligação entre o novo volume e a pré-existência;

<https://www.facebook.com/josegigantearquitecto/photos/a.888376824546058/888377087879365/?type=1&theater>

Fig. 19- Composição da fachada com o caixilho recuado para evidenciar o “velho”;

<https://www.facebook.com/josegigantearquitecto/photos/a.888376824546058/888377007879373/?type=3&theater>

Fig. 20 - Localização da zona I do País no IAPP;

IAPP - “Arquitectura Popular em Portugal” 2ª ed. Lisboa: Associação Arquitectos Portugueses, p. 4, 1980.

Fig. 21- Presença de Granito da zona do Minho em Portugal;

IAPP - “Arquitectura Popular em Portugal” 2ª ed. Lisboa: Associação Arquitectos Portugueses, p. 5, 1980.

Fig. 22- Esquema de povoamento concentrado no IAPP;

IAPP “Arquitectura Popular em Portugal” 2ª ed. Lisboa: Associação Arquitectos Portugueses, p. 24, 1980.

Fig. 23 - Esquema de povoamento disseminado no IAPP;

IAPP “Arquitectura Popular em Portugal” 2ª ed. Lisboa: Associação Arquitectos Portugueses, p. 36, 1980.

Fig. 24 - Esquema da Cidade da Lixa, local da presente dissertação, desenho produzido pelo autor;

Fig. 25- Habitação em Chão de Espinho, Arouca, em IAPP;

IAPP “Arquitectura Popular em Portugal” 2ª ed. Lisboa: Associação Arquitectos Portugueses, 1980.

Fig. 26- Casa principal da Quinta do Outeirinho, objeto de estudo, fotografia do autor.

Fig. 27- Lagar da casa principal, fotografia do autor;

-
- Fig. 28-** Sequeiro em Sezilde, Guimarães no IAPP;
IAPP “Arquitectura Popular em Portugal” 2ª ed. Lisboa: Associação Arquitectos Portugueses, 1980.
- Fig. 29-** Sequeiro na Quinta do Outeirinho, fotografia do autor;
- Fig. 30-** Planta da cidade da Lixa, Desenho de PDM de Felgueiras;
- Fig. 31** – Vista sobre monte do Seixoso, fotografia do autor;
- Fig. 32** – Sequeiro do Outeirinho, fotografia do autor;
- Fig. 33** – Processo de desfolhagem do milho;
<http://terramater.pt/desfolhadas/>
- Fig. 34** - Limite do terreno, fotografia do autor;
- Fig. 35** - Vista panorâmica da Quinta do Outeirinho, fotografia do autor;
- Fig. 36-** Sequeiro, fotografia do autor;
- Fig. 37-** Armazém, fotografia do autor;
- Fig. 38** - Casa Principal, fotografia do autor;
- Fig. 39** - Casa dos Caseiros, fotografia do autor;
- Fig. 40-** Interior do sequeiro, 1º Piso, fotografia do autor;
- Fig. 41-** Interior do sequeiro, 1º Piso, fotografia do autor;
- Fig. 42** – Pormenor da cobertura na fachada nascente do sequeiro, fotografia do autor;
- Fig. 43** – Interior no 1 piso do sequeiro, fotografia do autor;
- Fig. 44** – Cobertura do sequeiro com falhas de ripado em madeira, fotografia do autor;
- Fig. 45-** Pormenor de apoio das vigas em madeira do suporte do pavimento referente ao 1º piso, fotografia do autor;
- Fig. 46** – Antiga zona de confeção de alimentos, casa dos caseiros, fotografia do autor;
- Fig. 47** – Forno antigo, casa dos caseiros, fotografia do autor;
- Fig. 48** – Acesso à cozinha e anexos, casa dos caseiros, fotografia do autor;
- Fig. 49-** Banca de cozinha, casa dos caseiros, fotografia do autor;
- Fig. 50** – Entrada da antiga adega, casa principal, fotografia do autor;
- Fig. 51** – Cobertura degradada na cozinha, casa principal, fotografia do autor;
- Fig. 52** – Lagar com a antiga prensa de bagaço ao fundo, fotografia do autor;
- Fig. 53-** Entrada para o lagar muito danificada, fotografia do autor;

-
- Fig. 54** – Aparecimento de musgo sobre a fachada da casa principal, fotografia do autor;
- Fig. 55** – Parede em tabique muito danificada, fotografia do autor;
- Fig. 56** – Espaço da cozinha muito danificado, proveniente de fumos e sujidade, fotografia do autor;
- Fig. 57-** Estrutura de suporte do 1º piso em mau estado, fotografia do autor;
- Fig. 58-** Pormenor da fachada sul, fotografia do autor;
- Fig. 59-** Pormenor da fachada norte, fotografia do autor;
- Fig. 54** – Aparecimento de musgo sobre a fachada da casa principal, fotografia do autor;
- Fig. 55** – Parede em tabique muito danificada, fotografia do autor;
- Fig. 56** – Espaço da cozinha muito danificado, proveniente de fumos e sujidade, fotografia do autor;
- Fig. 57-** Estrutura de suporte do 1º piso em mau estado, fotografia do autor;
- Fig. 58-** Pormenor da fachada sul, fotografia do autor;
- Fig. 59-** Pormenor da fachada norte, fotografia do autor;
- Fig. 60-** Pormenor da fachada nascente, fotografia do autor;
- Fig. 61-** Pormenor da fachada poente, fotografia do autor;
- Fig. 62** - Vista sobre a zona de acesso à casa de repouso, desenho produzido pelo autor;
- Fig. 63** - Vista sobre a zona o pequeno jardim na envolvente, desenho produzido pelo autor;
- Fig. 64-** Vista geral da maquete, fotografia do autor;
- Fig. 65-** Corpo da l.s e cozinha em vista, fotografia do autor:
- Fig. 66** - Vista interior da zona social, desenho produzido pelo autor;
- Fig. 67** - Vista interior da zona social a mostrar a porta de entrada, desenho produzido pelo autor;
- Fig. 68** - Vista interior do quarto, desenho produzido pelo autor;
- Fig. 69** - Vista interior da zona social, desenho produzido pelo autor;
- Fig. 70-** Fotografia interior da maquete, fotografia do autor;
- Fig. 71** - Fotografia da maquete vista sul, fotografia do autor;
- Fig. 72** - Fotografia geral da maquete, fotografia do autor;

-
- Fig. 73** - Fotografia da maquete a evidenciar o sequeiro, fotografia do autor;
- Fig. 74** - Foto maquete vista norte, fotografia do autor;
- Fig. 75** - Esquissos de estudo da proposta, fotografia do autor;
- Fig. 76** - Esquissos de estudo da proposta, fotografia do autor.
- Fig. 77.** Perspetiva da casa de repouso na zona de entrada, desenho do autor.
- Fig. 78-** Desenho do alçado sul, desenho do autor.
- Fig. 79** – Perspetiva interior da casa de repouso, desenho do autor.
- Fig. 80-** Perspetiva do conjunto de casas, desenho do autor.
- Fig. 81.** Perspetiva da proposta para as casas na zona de entrada, desenho do autor.
- Fig. 82-** Perspetiva da casa principal na zona do jardim, desenho do autor.
- Fig. 83** – Perspetiva interior na ligação das casas (alpendre interior) , desenho do autor.
- Fig. 84-** Perspetiva da entrada, casa principal, desenho do autor.

